



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ARAGUAIA - TOCANTINS**  
**CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARCOS ANTONIO SILVA DOS SANTOS

**O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL DA UNIFESSPA PARA QUILOMBOLAS:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS, PROJETOS  
DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES**

MARABÁ-PA  
2017

MARCOS ANTONIO SILVA DOS SANTOS

**O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL DA UNIFESSPA PARA QUILOMBOLAS:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS, PROJETOS  
DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA  
para obtenção do Grau de Licenciatura e  
Bacharelado em Ciências Sociais, sob  
orientação do Prof.º Me. Janailson  
Macêdo Luiz

MARABÁ-PA  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA**

---

Santos, Marcos Antonio Silva dos

O processo seletivo especial da Unifesspa para quilombolas: uma análise a partir das trajetórias universitárias, projetos de vida e representações sociais dos estudantes / Marcos Antonio Silva dos Santos ; orientador, Janailson Macêdo Luiz. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia Tocantins, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais, Marabá, 2017.

1. Quilombolas - Educação (Superior) - Pará. 2. Universidades e faculdades - Vestibular. 3. Grupos étnicos. 4. Estudantes universitários. 5. Quilombolas – Condições sociais. I. Luiz, Janailson Macêdo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.8968115

**MARCOS ANTONIO SILVA DOS SANTOS**

**O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL DA UNIFESSPA PARA QUILOMBOLAS:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS, PROJETOS  
DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como requisito para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais

Aprovado em: Marabá, Pará, 25 de setembro de 2017

Conceito: **Excelente**

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Msc Rita de Cássia Pereira da Costa  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gisela Macambira Villacorta  
Examinadora

---

Prof<sup>o</sup> Msc Janailson Macedo Luiz  
Orientador

*À Dona Neta e Seu Antônio.*

*Nossa Senhora de Nazaré.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte da minha trajetória universitária, desde professoras, professores, técnicos e técnicas administrativos, colegas de turma, amigos e amigas, sendo muito difícil listar e lembrar de todas. Por isso, gostaria de me desculpar desde já se esquecer de mencionar alguém.

Primeiro, agradecer à Gildinete Goveia da Silva dos Santos e Antônio Jorge dos Santos, mãe e pai, por sempre acreditarem e depositarem suas esperanças em mim. Kerollen Paulina Silva dos Santos e George Alexandre Silva dos Santos, irmã e irmão. A família, com toda certeza, é estrutura de qualquer ser humano.

Às minhas amigas e colegas de turma Priscila Lima, Raíssa Ladislau, Rafaela de Sá, Adriene Gonçalves, Aline Gomes, Giovanna Vale, Sheila Kaline, Carla Moraes, Priscila Dias e Alana Silva. Obrigado pelas palavras de conforto e pelos ombros que apararam minhas lágrimas e desabafos sobre a cruel vida universitária.

Aos meus amigos e colegas de turma Thiago Ribeiro e Lucas Santis. Obrigado por terem escolhido fazer parte da minha vida, cada qual à sua maneira.

À turma de Ciências Sociais 2013.

Às companheiras e companheiros de estudos e trabalho Eliza Santos Hermione, Ádila Vital, Luciana Vaz, Juliana Sindeaux, Jaqueline Daiane, Eduardo Nunes. Cada momento com vocês foi especial.

Às/aos protagonistas da pesquisa Taiana Sena, Paula Menezes, Deidiane Lima, Ellen de Souza, Vinicius Teixeira, Lorrان Menezes e Edivan Barros. Obrigado por terem disponibilizado seus tempos para falar comigo sobre suas vidas.

Ao Prof<sup>o</sup> Msc. Janailson Luiz, pelos anos de paciência e ajuda na minha vida acadêmica, através das orientações; e pessoal, como conselheiro dos momentos mais complicados desta trajetória e também por estar presente naqueles mais agradáveis e que lembrarei por muito tempo.

Ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - N'UMBUNTU.

Ao Programa de Acolhimento Estudantil, em especial Paula Fernandes e Augusto Severo, pelos meses de aprendizado como bolsista de Extensão.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gisela Villacorta, pelas dicas de fundamentação teórica e metodológica na finalização deste trabalho e pelo aceite na participação na banca examinadora.

À Prof<sup>a</sup> Me. Rita de Cássia por aceitar participar da banca examinadora desta monografia e colaborar com seu melhoramento.

Aos professores e professoras da Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia-Tocantins que me ensinaram a lição mais importante para um estudante: autonomia. Sem vocês, não conseguira atingir o grau de formação como Cientista Social. Esta monografia é só o começo e ainda existem muitos caminhos e outras possibilidades que posso seguir.

## RESUMO

De que forma as representações sociais dos estudantes quilombolas da Unifesspa são construídas e influenciam as práticas sociais de construção dos seus projetos de vida? Tendo como ponto de partida o Processo Seletivo Especial (PSE), assumindo-o como uma modalidade de Ação Afirmativa, foi realizada uma investigação usando como método de pesquisa a Observação-Participante, tentando perceber como se dão as interações entre os grupos étnicos no ambiente universitário. Assim, foram feitas entrevistas com roteiro semi-estruturado com Quilombolas aprovados no PSE, de acordo com o meu grau de inserção no campo de pesquisa e independentemente de quais cursos os estudantes estivessem matriculados. Deste modo, uma das conclusões foram de que as noções de pertença étnica dos estudantes universitários não são dissociáveis das suas comunidades Quilombolas e de suas famílias, mesmo que seus projetos de vida não correspondam ao retorno para junto deles, por conta de questões como empregabilidade e condições de vida. Isso não quer dizer, que mesmo com a mudança, talvez, definitiva de cidade de residência, sua identidade individual seja alterada de alguma forma, pois continuarão em constante fricção inter-étnica, fortalecendo as fronteiras que delimitam cada grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidades Quilombolas; Projeto de Vida; Fronteiras étnicas.



## **ABSTRACT**

How the social representations of Unifesspa quilombolas students are built and influence social practices in the built of their life projects? Starting from the Special Selective Process (PSE) and assumed as a Affirmative Action modality, the construction and elaboration of the research was used the Observatory-Participant, trying to understand how to be interactions between the ethnic groups in the university space. So, semi-structured interviews were conducted with Quilombolas approved in the PSE, according to my degree of insertion in the research field and apart of which courses the students were studying. Thus, one of the conclusions was that the notions of ethnic belonging of university students are not separated from their Quilombola communities and their families, even if their life projects do not correspond to their return to them, because of employability and life conditions. It doesn't mean that even with the change, perhaps, definitive from their hometown, their individual identity will be altered somehow, because they will continue in constant inter-ethnic friction, strengthening the boundaries that delimit each group.

**KEY WORDS:** Quilombola Communities; Life Project; Ethnic borders.

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 01</b> - Número de aprovações de Quilombolas nos PSE por curso de graduação da UNIFESSPA entre os anos de 2014 a 2017.....	21
--	----

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FOTOGRAFIA 01</b> - Fotografia 01: Foto das/dos facilitadores da mesa “Povos tradicionais: indígenas e quilombolas” vista da plateia e do público .....	36
--	----

<b>ILUSTRAÇÃO 03:</b> Relação entre os estudantes quilombolas, suas comunidades e projetos de vida.....	55
---	----

## LISTA DE SIGLAS

PROEX	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PROEG	Pró-Reitoria de Ensino e Graduação
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UEBA	Universidade Estadual da Bahia
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PSE	Processo Seletivo Especial
ICH	Instituto de Ciências Humanas
PDTSA	Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia
IEDS	Instituto de Estudos em Direito e Sociedade
MEC	Ministério da Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: AS AÇÕES AFIRMATIVAS PARA O INGRESSO DE QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA).....</b>	<b>14</b>
1.1 (RE)DISCUTINDO AS AÇÕES AFIRMATIVAS NA UNIVERSIDADE.....	14
1.2 O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL PARA QUILOMBOLAS .....	17
<b>CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DO “EU” E DO “OUTRO”: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>23</b>
2.1 OS CAMINHOS .....	23
2.2. INSERÇÃO NO CAMPO E O “FAZER ETNOGRÁFICO” .....	27
2.3. AS FRICÇÕES E DELIMITAÇÕES DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS.....	31
<b>CAPÍTULO 3: PROJETOS DE VIDA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E UNIVERSIDADE .....</b>	<b>40</b>
3.1. O PAPEL DAS FAMÍLIAS NA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA DOS QUILOMBOLAS .....	40
3.2. OS PROJETOS DE VIDA DAS/DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS .....	48
3.3. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>63</b>
QUADRO DE OFERTA DE VAGAS NO PSE DA UNIFESSPA DE 2014 .....	63

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema abordado nesta monografia, deu-se a partir do meu contato com Florestan Fernandes, nos primeiros semestres da minha graduação. O livro era *O negro no mundo dos brancos* e a partir daí comecei a problematizar minha própria construção de negro em torno das relações etnicorraciais. Como estudante contemplado a medida de reserva de vagas para candidatos negros e de escola pública numa Universidade pública, as Ações Afirmativas tornaram-se meu principal tema de investigação durante a graduação. Por algum tempo, o estado da arte feito por mim era independente e sem qualquer orientação, pois não haviam docentes ligados à Faculdade de Ciências Sociais que discutissem o que eu queria estudar. No final do ano de 2014, fui aprovado numa seleção de estágio não-obrigatório no colegiado de História, coordenado por Janailson Macedo Luiz. Quase imediatamente, apresentei minhas ideias e intenções de pesquisa ao professor, que aceitou me ajudar. Desde então, pesquiso e produzo sob sua orientação. Inicialmente, meus planos eram pesquisar as Ações Afirmativas e temas que envolviam negros e negras na Universidade, entretanto, depois de dois anos de acompanhamento, escolhi sob negociação com meu orientador a questão Quilombola tema central deste trabalho.

Tenho por justificativa de elaboração, a necessidade de se continuar discutindo as relações etnicorraciais na academia e nos setores influenciados por ela, porque as conclusões geradas é uma forma de reafirmação de determinado dado histórico. A produção acadêmica é uma das várias formas de transformação da realidade, seja a favor dos grupos marginalizados ou majoritários. O importante é o que deve ser feito é usá-la como instrumento de mudança a favor dos grupos que se constituem como minoria dentro das Universidades, a título de exemplo.

Neste sentido, o pretendi analisar como as representações sociais (Geertz, 2015) dos estudantes quilombolas são construídas na Unifesspa, tendo como ponto de partida o Processo Seletivo Especial, assumindo-o como uma modalidade de Ação Afirmativa. O recorte foi feito com base na relação de classificados em cada PSE, sem preferência de seleção. Deste modo, as e os estudantes variam de graduação, sexualidade, identidade de gênero, idade, identidade etnicorracial e Comunidade Quilombola.

Como metodologia, a pesquisa-participante, que se deu em duas situações: através das entrevistas com os estudantes Quilombolas, usando gravador de voz e roteiro elaborado com

perguntas semi-abertas sobre suas vidas e suas comunidades, ambiente escolar e universitário e as relações vividas em sala de aula, que são as conversas formais; e as interações com os Quilombolas sem auxílio de roteiro ou gravador, que aconteciam nos corredores da Universidade ou em eventos políticos, estudantis e culturais, ou seja, do cotidiano universitário. Também observei, as interações entre estudantes não-quilombolas, que se constituíram importantes para a pesquisa. Para os dois fatos, utilizo o termo conversa informais. Os laços de confiança foram gerados de acordo com minhas atuações no campo, sendo observadas pelas/pelos protagonistas da pesquisa, neste caso, pelos estudantes Quilombolas.

Durante a escrita do texto, utilizo o termo “interlocutoras” e “interlocutores”, por entender que a construção desta monografia deu-se em conjunto e em diálogo com as/os<sup>1</sup> estudantes quilombolas da Unifesspa, protagonistas da pesquisa. Ao todo, foram utilizadas dez entrevistas realizadas entre os anos de 2015 e 2017, onde duas foram realizadas antes do meu vínculo com o Programa de Acolhimento e duas depois do meu desligamento. Todas as outras foram realizadas no período em que estava vinculado como bolsista do referido programa. Também, a transcrição do áudio das interações realizadas por Paula (Direito) e Edivan (Ciências Econômicas) no Seminário “Todas as Vozes: amar é respeitadas as diversidades”, realizado pelo Diretório Central dos Estudantes José de Ribamar, de 26 a 29 de junho de 2017. Mas gravei e transcrevi com permissão dos que falaram apenas no espaço sobre “povos tradicionais, comunidades quilombolas e indígenas” durante o primeiro dia.

A grande questão a ser colocada sobre a pretensa objetividade da pesquisa científica *versus* a subjetividade do pesquisador é até que ponto as opiniões do autor são produto da observação do campo ou são meras especulações? Isso envolve questões delicadas como a autoridade etnográfica ou a legitimidade da pesquisa, temas que mereceram comentários cuidadosos meus, mas que posso adiantar que tanto pesquisador quanto os outros participantes da pesquisa são influenciados pelos meios, na medida e que são eles que o constitui.

No capítulo 1, busquei realizar uma discussão sobre as Ações Afirmativas no Brasil para negros e depois especificamente para Quilombolas, no que se refere ao acesso ao Nível Superior de educação. No Capítulo 2, faço uma breve análise sobre o trabalho de campo e a pesquisa etnográfica, assim como as dificuldades e interações realizadas durante as

---

<sup>1</sup> Durante o texto, utilizo esta maneira de escrever numa tentativa de quebrar as barreiras do Gênero, não resumindo as interlocutoras identificadas com o gênero feminino nos artigos masculinos “o” e “os”.

investigações. Por último, capítulo 3, apresento como se dá a formação dos projetos de vida dos estudantes quilombolas em torno da Universidade, bem como a representação que eles constroem dela em conjunto com suas famílias.

## **CAPÍTULO 1: AS AÇÕES AFIRMATIVAS PARA O INGRESSO DE QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)**

### **1.1 (Re)Discutindo as Ações Afirmativas na Universidade**

A educação é um dos principais setores que refletem as desigualdades sociais, seja no que se refere ao acesso ao sistema de ensino superior, seja na conclusão da trajetória escolar. Isso se dá por conta das condições apresentadas pelo meio e das diferenças sociais e culturais dos sujeitos, geradores de mecanismos de exclusão que afetam suas trajetórias de vida. Os negros, indígenas e quilombolas são alguns dos constituintes desse grupo e por conta disso, não conseguem acumular o capital necessário (Bourdieu, 1989) sob condições de igualdade aos grupos dominantes. Seguindo essa lógica, são constantemente submetidos a uma série de violências físicas e simbólicas que afetam os seus processos de sociabilidade por causa da cor de suas peles, textura do cabelo e outras singularidades que os classificam como grupos étnicos. O racismo cria uma hierarquia de posições e dita quem pode e quem não pode ocupá-las.

A Universidade brasileira é um desses lugares em disputa de poder, onde, segundo Baró *et. al* (2009), no ano de 1995 apenas 2% dos jovens matriculados no ensino superior eram negros, contra 9,2% de alunos brancos; em 2005, esses números equivalem a 6,6% de negros e 19% de brancos. Atrelado a esses dados, está a diferença na trajetória escolar da população negra de jovens brasileiros, que equivale a uma média 2,3 anos a menos que a população branca com a mesma faixa etária (SILVÉRIO, 2007).

Nesse cenário, as Ações Afirmativas, foram pensadas, a partir de experiências de países como Índia, Estados Unidos e África do Sul (BIGOSSO, 2009) como medidas de ação com prazo determinado, criadas na tentativa de reversão do quadro social vigente, onde a existência de discriminações motivadas pelas diferenças de gênero, de sexualidades ou de grupos raciais e étnicos, produz desigualdades em todos os âmbitos da sociedade, em destaque o acesso ao ensino superior e as profissões que não se limitem as funções mais desvalorizadas socialmente, como o trabalho doméstico e os trabalhos “braçais”.

Consoante Moehlecke (2002), uma das primeiras experiências com Ações Afirmativas é estadunidense e surgiu na década de 60 durante a efervescência da luta por democracia e



com início do fim das leis segregacionistas. Nesse contexto, o movimento negro toma fôlego e se “desenvolve a ideia de uma ação afirmativa, exigindo que o Estado para além de garantir leis anti-segregacionistas, viesse também a assumir uma postura ativa para a melhoria das condições da população negra” (p.198). Elas consistem, de acordo com Bergmann *apud* Moehlecke (2002), em “planejar e atuar no sentido de promover a representação de certos tipos de pessoas. Aquelas pertencentes a grupos que têm sido subordinados ou excluídos em determinados empregos ou escolas” (p. 199).

No Brasil, o período pós constituição de 1988 foi caracterizado pela “emergência da promoção da igualdade racial como objeto de ação pública” (Silva *et. Al*, 2009, pg. 29), muito embora, segundo a autora, apenas no ano de 2002 “o governo publica o decreto nº4.228, que institui, no âmbito da Administração pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas” (*ibidem* p.36), na tentativa de diminuição das desigualdades raciais nos âmbitos da educação e outros setores. A medida não teve o retorno esperado e somente em 2003 um órgão específico para elaboração de políticas de promoção da igualdade racial foi criado: a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), e que na época possuía status de ministério. No ano de 2015, a Secretaria foi atrelada ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos humanos e em 2016 foi extinta por determinação do presidente Michel Temer.

Um das primeiras Universidades brasileiras que aderiram a algum sistema de incentivo à entrada de estudantes negros e negras nos seus cursos foram a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Estadual da Bahia (UEBA), Universidade de Brasília (UNB) (CAMPOS, 2016) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (BIGOSSO, 2009) a partir das suas próprias demandas dentro dos conselhos universitários. Somente no ano de 2012, com a sanção da Lei 12.711, pode-se indicar um importante incentivo à promoção da igualdade racial no que tange a educação, mais especificamente no Ensino Superior, pois o número de Instituições que passaram a apresentar alguma modalidade de Ação Afirmativa cresceu consideravelmente com a 12.711 (CAMPOS, 2016). Dentre outras determinações, a medida obriga todas as instituições públicas federais a reservar uma porcentagem, dentre as vagas ofertadas, para estudantes negros e negras, colaborando também com a inserção de estudantes pobres nas Universidades.

[...] As universidades federais do país deverão reservar, no mínimo 50% de suas vagas, em cada concurso de seleção para o ingresso nos cursos de graduação, para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

*Dentre as vagas reservadas aos alunos oriundos da rede pública, haverá um percentual mínimo para a população de negros e indígenas proporcionais a cada região.* (SILVÉRIO, 2007, p. 48, grifo do escritor).

A partir desse momento, as Universidades Federais brasileiras são *obrigadas* a reservar vagas em todos os seus processos de seleção convencionais. Antes, em poucas delas era possível identificar uma medida parecida, haja vista que as instituições estaduais e federais vinham aderindo a diferentes formas de Ações Afirmativas de acordo com as decisões dos seus próprios conselhos universitários.

Nesse sentido, os movimentos sociais organizados em grupos, dentre eles, aqueles organizados por representantes de comunidades quilombolas (SOARES, 2012), se posicionam enquanto produtores de conhecimento e reivindicações na tentativa de reversão dos quadros de desigualdade social através da educação formal, tendo em vista que “na concepção de algumas lideranças quilombolas, [...] é [a educação] uma das ferramentas que, se bem utilizada, poderá contribuir e fortalecer suas lutas históricas” (idem, p. 93).

Em um estudo com cerca de 59 Instituições Federais de Ensino, Portes e Sousa (2011) demonstraram a existência de alguma modalidade de Ação Afirmativa para ingresso nos cursos de graduação em 74% das Universidades pesquisadas, dentre as quais: 73% eram de reserva de vagas, 24% em forma de bônus e 3% realizavam processos seletivos exclusivos para comunidades tradicionais. Apenas a Universidade Federal de Roraima (UFRR), que corresponde aos 3%, dispunha de uma ação direcionada indígenas, conhecido como Processo Seletivo Especial (PSE). Mais recentemente, todavia, Campos, Daflon e Feres Júnior (2013), identificam que dentre a amostra de setenta Instituições públicas estudadas<sup>2</sup>, trinta e seis destinavam alguma dessas modalidades para indígenas e duas para quilombolas, apesar de não classificarem o tipo de Ação Afirmativa.

As reservas de vagas (ações de ingresso) podem ser distribuídas a partir das condições de renda dos candidatos, origem escolar e de pertencimento racial ou étnico, se caracterizando como reserva social, racial ou sociorracial (junção das duas) dependendo das condições dos sujeitos no momento da seleção. O sistema de bonificação se baseia na adição de uma porcentagem mínima na nota final do candidato, de acordo com a decisão de cada Conselho. Na Unifesspa, por exemplo, o critério utilizado é a “área de influência da instituição”. De acordo com o edital público de seleção, “área de influência” são aqueles

---

<sup>2</sup> A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) não faz parte desse recorte, porque foi criada apenas em 2013.

municípios e redondezas onde existam campi da Universidade, o que corresponde às regiões do sul e sudeste do Pará, Sudoeste do Maranhão, norte do Mato Grosso e norte e noroeste do Tocantins.

O modelo de Processo Seletivo Especial, de acordo com a professora Gláucia de Sousa Moreno<sup>3</sup>, vinha sendo desenvolvido no Campus universitário de Marabá (Sudeste do estado) por causa das lutas dos movimentos camponeses da região desde o ano de 1998. Antes dos PSE's para indígenas e quilombolas da Unifesspa, o curso de Educação do Campo já vinha realizando uma seleção diferenciada (exclusivo para camponeses e camponesas) para o preenchimento das vagas, sendo uma das primeiras Ações Afirmativas da Universidade. O PSE para ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo era realizado paralelamente ao vestibular tradicional e permanece desta forma atualmente, reconhecendo a trajetória de socialização diferenciada das pessoas do campo em relação a quem reside nos centros urbanos. Nesse sentido, o mesmo modelo foi seguido para inserção de Quilombolas no Ensino Superior, também desenvolvido a partir das histórias de vida do grupo étnico.

## **1.2 O Processo Seletivo Especial para quilombolas**

Quando o tema discutido é quilombo ou comunidades quilombolas, são comuns dificuldades na sua conceituação, mesmo dentro da literatura disponível. Uma dessas dificuldades, é a dissociação entre como um quilombo se apresentava durante o período em que vigorou a escravidão no Brasil, e como eles se apresentam contemporaneamente ao longo de anos de transformações sociais e culturais. A ideia de que os quilombos são fruto somente das fugas dos negros e negras que optavam por essa alternativa de resistência à escravidão nos períodos Colonial e Imperial, ainda é identificado no discurso das/os alunas/nos da Unifesspa. Também, a concepção que se tem de que as/os quilombolas são indivíduos majoritariamente negras/os, o que é importante ser debatido, haja vista que suas comunidades são formadas por diversos grupos, inclusive por brancos. Para percebermos e entendermos as demandas quilombolas, precisamos fazer um esforço de conceituação, pois é preciso romper com essas ideias essencializadas de quilombo e de quilombola.

---

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Educação do Campo da Unifesspa.

As Comunidades Quilombolas<sup>4</sup> possuem um tipo de organização social singular, respeitando critérios de parentesco e ancestralidade, que acarretam em experiências compartilhadas ao longo do tempo entre ocupantes do território. Partindo das experiências vividas pelos indivíduos mais velhos, os seus membros usam principalmente a oralidade como estratégia de compartilhamento dos saberes locais. Isso se reflete em intensos conflitos entre eles e os grupos não quilombolas em disputas de território. Uma das estratégias de confronto usadas pelos quilombolas é o auto reconhecimento de sua identidade e do grupo, permitindo “uma efetiva participação na vida política e pública, como sujeitos de direito” (MARQUES, 2009, p. 345).

De acordo com Gomes (2015), várias imagens foram feitas acerca do que seria um Quilombo ao longo do século XX. O autor as divide em duas vertentes: uma culturalista e outra materialista. A primeira, acreditava na concepção de Quilombo apenas como uma tentativa de preservação cultural, como se essa fosse a única forma de preservação dos costumes dos negros e negras; e a visão materialista o tinha como uma forma de resistência à escravidão. Entretanto, as duas produziram “uma ideia de ‘marginalização’ dos quilombos. Seriam mundos isolados, ora de resistência cultural, ora de luta contra o escravismo” (p.73). Mesmo assim, eram tidos como ameaças às grandes fazendas e às cidades, pois “poderiam” incentivar outros negros a fugir ou provocar insurreições.

Essa ideia de isolamento citada, ainda permanece nos dias atuais. A ligação com as “roças” e, por conseguinte, com a zona rural, remete-nos a essa ideia de afastamento dos grandes centros urbanos. Baseado nesses preconceitos, o senso comum cria uma imagem do que é e como se apresenta um quilombola. O que pode acarretar erros com proporções sérias, como a negação da identidade étnica. É certo que algumas comunidades são localizadas em pontos distantes dos grandes centros urbanos, entretanto, não significa dizer que elas não apresentam qualquer contato com esses centros ou com outros grupos étnicos. A título de exemplo, essas conexões podem ser notabilizadas nas relações econômicas mantidas entre os grupos na troca e na venda dos produtos oriundos das roças familiares.

Atualmente, a resistência e as formas de sociabilidade e agenciamento entre quilombola e os “de fora”, perpassam outras peculiaridades para além daquelas do século

---

<sup>4</sup> Utilizo este termo por achar que a ideia de uma “reminiscência”, ou seja, “restos do que um dia houve”, não condiz com a realidade das atuais comunidades. O confronto aos símbolos da cultura hegemonicamente instituída na sociedade brasileira na busca pela manutenção de sua fronteira configura-se como um importante meio de resistência, não mais contra um sistema escravocrata, mas a um sistema que investe na padronização dos seus povos.

passado, representadas pelos agrupamentos de negros escravizados e fugidos das fazendas. A luta por direitos básicos, como o acesso à educação, saúde e, principalmente, pela posse legal das suas terras são alguns dos principais pontos de reivindicação das comunidades quilombolas organizadas mediante o Poder Público. Nesse sentido, uma ressignificação Quilombola significa reconhecer essas lutas por cidadania, porque são elas que contribuem e estão diretamente ligadas com a manutenção ou formação da sua própria identidade quilombola. Em outras palavras,

Quilombo, [...] não é apenas uma tipologia de dimensões, atividades econômicas, localização geográfica, quantidade de membros e sítio de artefatos de importância histórica. Ele é uma comunidade e, enquanto tal, passa [é] uma unidade viva, um locus de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente (MARQUES, 2009, p. 344).

A titulação das terras quilombolas é garantida desde 1988 com base no artigo 68 do Ato de Disposições Transitórias da constituição, no qual assegurado desde que sejam ocupadas, pela designação legal pelos *remanescentes de Quilombos*. O processo de titulação “expressa a necessidade de legitimar a comunidade a determinar seus próprios parâmetros de sociabilidade, segundo as normas sobre produção e reprodução do grupo que são ditadas a partir dos seus referências étnicos” (ROCHA, 2009, p.248). Muito embora, mesmo após a demarcação territorial, os conflitos etnicorraciais não deixem de existir. E além do elo formado pelo lugar de moradia desses sujeitos, os conflitos geram as fronteiras étnicas (BARTH, 2011) a partir da “capacidade político-organizativa; critério ecológico ou de conservação dos recursos básicos; ocorrência de conflitos de terra e sistema de uso comum na apropriação dos recursos naturais” (ALMEIDA, 2011, p. 46).

Arruti (2006), quando analisa a comunidade do Mocambo (SE), percebe que os desentendimentos entre os moradores surgem com base do critério de quem se identifica como “remanescente” e quem não se reconhece. Esses conflitos marcam o cotidiano do território, uma vez que se relacionam diretamente ao manejo da terra de uso comum e onde a as casas de cada família serão construídas. Além da classificação feita pelos próprios moradores como os “de dentro” da comunidade e entre os “de fora”, ainda eram identificados aqueles que são “contra” e os “quilombolas”, onde as famílias “quilombolas” não concordavam da disposição das casas dos “contra”, que não reconheciam a comunidade como remanescente de quilombos. De acordo com esse autor, aqueles que se identificam enquanto “remanescentes” agem na tentativa resistência e conservação dos seus métodos de

sociabilidade, numa relação que necessita de uma identificação histórica com o grupo e com o território no qual está inserido. Tal análise torna visível a delimitação de fronteiras étnicas entre os moradores que se afirmam enquanto quilombolas e aqueles que eles consideram como “de fora”.

Com base nessa e outras questões e, principalmente, pelas reivindicações dos movimentos sociais, algumas Universidades brasileiras passam a planejar e executar medidas Afirmativas para comunidades tradicionais, a exemplo da UFRR. No Pará, Universidade Federal do Pará (Ufpa) antes do desmembramento do Campus de Marabá (atual Unifesspa) realizou o seu primeiro Pse para indígenas em 2010 (BELTRÃO e CUNHA, 2011), a partir da noção de pertencimento étnico dos/das candidatas/os e suas comunidades e na “ideia de que a identidade étnica se constrói pela aliança do reconhecimento individual enquanto membro do grupo com o fato de ser reconhecido como membro pelo grupo” (*idem*, p.28). O primeiro processo seletivo para estudantes quilombolas da Ufpa foi realizado em 2014, um ano depois da criação da Unifesspa através da sanção da lei Nº 12.824/2013. Como esta estava em fase de implantação, a responsável pela realização do primeiro Pse da Unifesspa para quilombolas foi a Ufpa, naquele mesmo ano.

De acordo com a relação de classificados na primeira edição da prova da Unifesspa específica para Quilombolas, apenas duas vagas foram preenchidas<sup>5</sup> dentro do universo de cursos ofertados, conforme disponível no Anexo A. Paulatinamente, esse número vem crescendo e cada vez mais estudantes quilombolas ingressam nos cursos. Tanto é, que, no último Pse, trinta estudantes foram aprovados em vinte e um cursos de graduação. Na tabela 01, a seguir, estão listados os números de candidatos aprovados em cada ano de realização da prova e os cursos nos quais pleitearam. É relevante ressaltar que a relação de cursos não corresponde ao quadro completo de graduações oferecidas pela Unifesspa, pois só foram listados aqueles para os quais pelo menos um estudante foi aprovado.

---

<sup>5</sup>Disponível

em

[http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA\\_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/Classificados/ClassificadosQuilombolasUnifesspa.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/Classificados/ClassificadosQuilombolasUnifesspa.pdf). Último acesso em: 18/09/2017.

**Tabela 01:** Número de aprovações de Quilombolas nos PSE por curso de graduação da UNIFESSPA entre os anos de 2014 a 2017

<b>Curso</b>	<b>PSE 2014</b>	<b>PSE 2015</b>	<b>PSE 2016</b>	<b>PSE 2017</b>	<b>Total parcial</b>
Administração*	X	X	01	X	01
Agronomia	X	01	02	02	03
Artes Visuais	X	X	02	01	03
Ciências Biológicas	X	X	02	02	04
Ciências Contábeis*	X	X	X	01	01
Ciências Econômicas	X	X	01	01	02
Ciências Naturais	X	X	X	01	01
Ciências Sociais	X	01	01	02	04
Direito	01	02	02	02	08
Eng. Civil	X	02	02	02	06
Eng. da Computação	X	02	01	X	03
Eng. de Minas e Meio ambiente	X	X	01	01	02
Eng. Elétrica	X	X	02	01	03
Eng. Mecânica	X	01	02	02	05
Geografia	X	X	02	01	03
História	X	X	02	02	04
Letras – Português	X	01	01	01	03
Letras – Inglês	X	X	01	01	02
Matemática	X	X	X	01	01
Pedagogia	X	01	01	02	04
Psicologia	01	X	X	02	03
Química	X	01	01	01	03
Saúde Coletiva	X	02	02	01	05
Sistemas de Informação	X	X	01	X	01
<b>Total Geral</b>	<b>02</b>	<b>14</b>	<b>30</b>	<b>30</b>	<b>76</b>

Fonte: elaboração feita pelo autor de acordo com os editais de cada PSE

Notas:

\*cursos fora da sede da Unifesspa

De acordo com os dados, o total geral de estudantes que ingressaram na Unifesspa entre os anos de 2014 a 2016 é de setenta e seis Quilombolas. No último Pse, foram disponibilizadas inscrições em todos os trinta e dois cursos da Instituição, muito embora, isso não significa falta de interesse das/dos candidatas na participação da seleção, mas sim das realidades de cada comunidade. Segundo a pesquisa Diagnóstico realizada pelo Programa de Acolhimento, o maior número de Quilombolas da ingressantes pelo PSE entre

2014 e 2016 são provenientes das Comunidades Quilombolas de Nova Jutáí, no Breu Branco (PA), com um total de 19 estudantes; e Umarizal e Igarapé Preto, no município de Baião (PA), com 14 (SOUZA e SEVERO, 2017).

Devido ser realizado em um período diferente do sistema de seleção convencional, as datas de inscrição e realização das provas passavam despercebidas na maior parte das comunidades mais próximas da cidade de Marabá, como Umarizal e Nova Jutáí. A distância entre suas comunidades e a cidade, como dito pelos próprios moradores em atividade de campo, faz com que as informações pertinentes em relação ao Pse sejam concentradas em determinados moradores, mesmo que sejam da mesma comunidade. Nesse cenário, muitos estudantes não conseguem as informações necessárias para candidatura de vaga nas graduações, pois ou não conseguem por eles mesmos ou não conhecem alguém com ela.

Essa compreensão foi apresentada pelos estudantes quilombolas durante atividade realizada pelo Acolhimento Estudantil da Unifesspa<sup>6</sup> na comunidade quilombola de Umarizal, situada no baixo Tocantins, no município de Baião (PA), realizada no mês de agosto de 2015 com a participação de professores da Faculdade de Educação do Campo, da Faculdade de História, Técnicos-Administrativos ligados às PROEX, estudantes das faculdades citadas e os bolsistas do Programa, onde eu me incluía. Na conversa com jovens quilombolas e algumas lideranças da associação dos moradores, essas e outras dificuldades foram percebidas em relação ao Pse, seja pelo difícil acesso à internet na comunidade, seja devido ao desconhecimento sobre a existência Pse da Unifesspa, tendo em vista seu recente desmembramento da Ufpa. Os moradores acreditavam que apenas a Ufpa realizava a prova e que as únicas cidades visualizadas eram Belém, no Nordeste do Estado e Tucuruí, no Sudeste do Pará.

---

<sup>6</sup>Programa no qual o autor deste trabalho participou na condição de bolsista durante o período de 2015-2016 e ligado à Pro-Reitoria de Extensão e Assuntos Acadêmicos (PROEX) da UNIFESSPA.



## **CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DO “EU” E DO “OUTRO”: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO**

### **2.1 Os caminhos**

O meu contato com os estudantes quilombolas, no início da pesquisa, em maio de 2015, iniciou-se com o levantamento das listas de aprovadas/os no PSE para quilombolas desde o primeiro ano de realização na Unifesspa, correspondendo ao intervalo de tempo 2014-2016. Identificado os nomes, avaliava em quais cursos melhor me relacionaria, acionando num primeiro momento minha própria rede de convivência dentro da Universidade, principalmente as relações de amizade.

Deste modo, através de uma estudante não-quilombola do curso de Direito, consegui telefonar e marcar uma entrevista com Marta, da comunidade quilombola de Arequembau, município de Baião (PA), que entrevistei logo em seguida e que possibilitou o contato através de um aplicativo de celular com Taiana Trindade Sena, da comunidade Quilombola Rio Acaraqui e estudante de Saúde Coletiva. Por sua vez, Taiana me informou o número do telefone celular de sua colega de turma que também é Quilombola. Assim, conheci Gisely da comunidade de Nova Jutá e sua prima Deidiane Cruz Lima, estudante de Engenharia da Computação e da mesma comunidade. As estudantes moravam com outras duas quilombolas: Ellen Cris do Rosário de Souza, de Umarizal e estudante de Engenharia da Computação e uma estudante de Letras – Português, de Umarizal e que não participou da entrevista.

Pelo fato de morarem juntas, as estudantes propuseram conceder a entrevista em grupo, que concordei, se constituindo como a única de todo o processo de pesquisa. Na época (2014), elas moravam no bairro Nova Marabá, na FL 31, mesma folha<sup>7</sup> da Unidade I da Unifesspa. Era uma tarde de Domingo e quando cheguei na casa, tinha mais três estudantes não-quilombolas em companhia (provavelmente amigos) das moradoras, que observaram a conversa. O roteiro da entrevista foi elaborado por mim, com o auxílio do meu orientador, com perguntas sobre a Universidade, as comunidades quilombolas de onde são vindas e a trajetória escolar das estudantes e direcionadas às três participantes, que alternavam suas respostas. Gostaria de salientar aqui, que durante minha formação como pesquisador,

---

<sup>7</sup> O bairro Nova Marabá é subdividido em folhas, seguindo uma numeração em algarismos arábicos. De acordo com o saber popular, essa divisão tinha o objetivo de imitar o desenho de uma grande castanheira vista do alto.

aprendi sobre a necessidade legal de um “termo de doação”, onde cada pessoa entrevistada consentia com a entrevista. Entretanto, minha própria imersão no campo e as construções de confiança nesse período eram suficientes para me fazer compreender quais diálogos eu poderia escrever no texto. O que foi percebido apenas durante o exame da banca e por isso, algumas delas não são representadas aqui, mas merecem alguns comentários.

A entrevista citada, assim como a realizada a Marta, estudante de Direito, não foi devolvida à mim com o termo de doação assinado e assumi que as participantes não autorizaram sua divulgação. E isso me levou a questionar mais uma vez a posição em que o pesquisador ocupa no campo de pesquisa, uma vez que fazemos parte do mesmo ambiente de convívio. Todas as vezes em que encontrava com essas estudantes, elas estavam interagindo com outras pessoas familiarizadas com a Universidade. A minha presença como estudante ou mesmo como entrevistador não era habitual para as estudantes, fato observável pela forma com o que se comportavam com relação a mim. Isso fazia como o que as próprias entrevistas fossem desconfortáveis pra mim, porque tinha a impressão de que elas prefeririam estar em qualquer lugar, menos naquela situação falando sobre as suas vidas para um estranho.

Percebi esse desconforto principalmente na entrevista com a estudante de Direito, quando na minha primeira entrevista. Como de costume, ao final da conversa explicava como funcionaria a posterior transcrição e que nós nos encontraríamos numa próxima oportunidade, para que elas assinassem o termo de doação da entrevista ao acervo da Unifesspa. Desse momento em diante, por mais que tentasse fazer com o que minha imagem se tornasse familiar através dos mecanismos de iteração social, continuei percebendo uma certa resistência e desconforto com a minha presença e conseqüente tentativa de conversa. E isso fez como o que me sentisse inseguro e ainda mais desconfortável como relação à elas ao ponto de procurar evitar ser visto. De certa forma, meus sentimentos e receios com relação a pesquisa me direcionaram para determinados estudantes, que por conta da proximidade, a solicitação de doação de entrevista se tornaram menos desconfortantes.

Apesar disso, acredito que as informações percebidas foram importantes para situar a pesquisa e ordenar as próximas entrevistas, que por sinal, facilitaram outros contatos com as mesmas estudantes. Depois disso, consegui entrevistar Deidiane e Ellen separadamente durante minha oportunidade como bolsista do Programa de Acolhimento Estudantil. As outras entrevistas foram desenvolvidas basicamente da mesma forma até o início do meu vínculo o Programa, em 2015. A partir daí, meu contato com as/os quilombolas, na maioria

das vezes, foi intermediado pelo projeto, chefiado pela pedagoga Paula Fernandes<sup>8</sup> e que contava com a colaboração de professores e professoras das faculdades de Educação do Campo, História e Agronomia. Todas as entrevistas que realizei até o final de 2016, quando me desliguei do Projeto, foram orientadas por roteiro desenvolvido pela equipe de professores colaboradores, entre os quais o meu orientador. Dentre as atividades do Programa, fora desenvolvida uma visita à comunidade de quilombolas Umarizal, na cidade de Baião, região do Baixo-Tocantins no estado do Pará. Nas rodas de debate realizadas durante a referida visita, onde participaram estudantes, familiares e lideranças, pudemos conversar com os moradores sobre suas vidas na comunidade, envolvendo questões como educação, saúde e os conflitos enfrentados por eles. As representantes da PROEG iniciaram a conversa apresentando como se dava o Pse, desde a fase das provas, até as entrevistas. Também citaram a importância da participação cada vez maior dos quilombolas no uso desse direito conquistado por eles e para eles e apresentaram os cursos de graduação ofertados e a demanda de quilombolas aprovados no ano de 2014, de trinta e quatro, segundo elas.

Gostaria de salientar que foi durante essa visita fora iniciado meu contato com uma das pessoas fundamentais no desenvolvimento dessa monografia: a Paula de Menezes, hoje estudante do curso de Direito na Unifesspa. Na época, ela liderava um grupo de estudos em Umarizal de preparação para os Processos Seletivos nas Universidades paraenses, tanto os Especiais, quanto os de Ampla Concorrência. Ou seja, nosso contato iniciou-se antes mesmo dela ingressar como discente na Unifesspa pelo Pse. Durante esse primeiro contato, percebi algumas informações sobre sua história, que serão mais detalhadas no Capítulo 03 deste trabalho. Mas o momento mais importante na minha experiência de pesquisador foi durante a noite, depois de encerrada as atividades "oficiais" do Programa de Acolhimento. Eliza, Geovane, Adila, Luciana<sup>9</sup>, e eu fomos tomar banho na casa da Paula a convite dela, para nos organizarmos para andar pela vila de moradores da comunidade de Umarizal.

Cada um terminou seu banho e após todos se aprontarem, fomos para a praça da comunidade, onde encontramos o restante dos visitantes e grande parte dos moradores em atividades cotidianas, como as crianças brincando no pátio de uma. Capela de frente com a praça onde nossos companheiros estavam, tinha um pequeno bar, par onde nos direcionamos. Depois de um tempo, Paula chegou e começou a interagir conosco, sempre no auxiliando e

---

<sup>8</sup> Na época chefe da divisão Diretoria de Assistência e Integração Estudantil (DAIE), vinculada à PROEX.

<sup>9</sup> Estudantes dos cursos de Pedagogia e História da Unifesspa e integrantes do Núcleo de Extensão, Pesquisa, Ensino e Extensão em relações Étnico Raciais, Movimentos Sociais e Educação – N'umbuntu.

preocupada com nosso bem-estar. Tanto, que precisei comprar cigarros e como não sabia onde comprar, perguntei a ela, que não me informou onde comprava, mas chamou uma prima para e levar de motocicleta nesse lugar de compra e fui. Esse foi o momento em que comecei a me aproximar de Paula.

Essa proximidade é defendida por Malinowski (1976), na medida em que melhora as condições para o trabalho etnográfico. Quanto mais distante dos indivíduos “não nativos” e mais próximos de indivíduos “nativos”, melhor será a investigação etnográfica, caracterizado pelo autor como “relacionamento natural”. Esse contato proporciona uma interpretação mais próxima da realidade dos “nativos”, o que facilita a coleta de informações, pois elas chegam ao etnógrafo “naturalmente” através de conversas informais produzidas pela familiarização entre o pesquisador e as/os estudantes quilombolas. Podemos questionar até que ponto essas informações são percebidas naturalmente, como diz o autor. O trabalho da/do antropóloga/o não consiste em observar como se estivesse em frente uma vitrine de loja, já que ele mesmo é sujeito daquela realidade. Suas ações serão percebidas pelas outras pessoas, da mesma forma em que busca perceber as ações dos “nativos”. Ela/ele precisa agir, enquanto atriz/ator social, através de perguntas ou mesmo atitudes, para poder perceber as outras cenas e organizar seus pensamentos em torno daquilo.

Consoante Cardoso de Oliveira (1996), para Malinowski (1976), o etnólogo precisa estar atualizado de conhecimento teórico, tendo em vista que quanto mais for capaz de relacionar os fatos com a teoria, melhor o ambiente de investigação estará. Essa comparação deve, ainda, estar atrelado a todos os aspectos da vida dos “nativos”, e não uma parte específica, merecendo igual atenção do pesquisador, porque isolar o campo de pesquisa pode prejudicar o trabalho final.

Depois da visita à comunidade de Umarizal, não voltei a outra comunidade Quilombola e delimito como campo de observação a Unidade I<sup>10</sup> da Unifesspa, porque a grande maioria do corpo estudantil circula por ali, inclusive eu mesmo. Por isso, acredito que imagem se torna mais familiar, o que, como passei a perceber durante a pesquisa, tornava meu acesso às informações e presença nos ambientes de intervenções menos complicadas,

---

<sup>10</sup> A Unidade é constituída por dois dos sete Institutos da Universidade: o Instituto de Ciências Humanas (ICH), composto pelos cursos de graduação em Ciências Sociais, Geografia, Pedagogia, Educação do Campo e História e os cursos de Pós-Graduação a nível de Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) e especialização em Geotecnologias e Recursos Naturais na Amazônia Oriental; e o Instituto de Estudos em Direito e Sociedade (IEDS), composto pelo curso de graduação em Direito.

já que, pelo menos nessa condição, eu mesmo me inseria e era colocado pelas/os estudantes dentro de uma situação compartilhada com elas/elas próprios.

## **2.2. Inserção no campo e o “fazer etnográfico”**

Apesar da minha familiaridade com o lugar de pesquisa, uma das grandes dificuldades encontradas durante as investigações foi justamente essa: como estranhar o familiar e familiarizar o estranho? Por mais que minha formação universitária tenha introduzido esse tema, apenas depois de muita reflexão percebi o lugar onde sou estudante também como um lugar de pesquisa. Durante esse processo, somos ensinados e preparados para os contatos com o campo de pesquisa, onde deve haver o esforço de estranhar o que é dado e sensibilizar nosso olhar através da apreensão das teorias para interpretação daquela realidade, o que Oliveira (1996) chama de esquema conceitual. Antes da investigação empírica, nos acostumamos a perceber, na maioria das vezes, apenas o “outro” numa relação com seu grupo de origem e quase sempre “nós” não fazemos parte desses grupos.

As informações percebidas nas narrativas das/dos interlocutoras/es, seja em entrevistas formais ou nas conversas informais, e exóticas na minha concepção, recebia minha atenção apenas nesses momentos iniciais. Com o tempo e cada vez mais informações, não conseguia fazer qualquer tipo de ligação entre elas além das que correspondiam com os primeiros objetivos da pesquisa. Eu estava tentando confirmar as hipóteses pré-concebidas através dos depoimentos (SILVA, 2015) dos Quilombolas e pouca coisa fazia sentido até então. Somente depois que entendi o lugar que ocupava e que eu era colocado pelos quilombolas no campo, as interpretações e interações começaram a fazer algum sentido e fluir quase como um “relacionamento natural”, se termos Malinowski (1976) como referência.

Problematizar aquilo que faz parte do nosso cotidiano exige muito do nosso esforço de observação e interpretação, o que é fundamental para uma pesquisa etnográfica. Antes de me perceber como parte do campo de pesquisa, me preocupava em questionar apenas o que era novo nas minhas interações com os quilombolas e deles com os não-quilombolas. As conversas informais que aconteciam nos corredores não chamavam minha atenção, pois já estava habituado com esses diálogos. Na minha concepção de pesquisa, as observações começavam somente a partir dos acontecimentos que quebravam com a lógica do meu

próprio habitual, como a visita à Umarizal e as entrevistas, sem levar em consideração o que era ou não um hábito para os quilombolas. Portanto, eu "Ouvia" apenas nessas situações.

Essa imersão no campo exigiu atenção redobrada, pois eu já estava inserido nele enquanto estudante, diferentemente de quando eu era um "visitante". Nesse cenário, demorei muito tempo para perceber que meu próprio espaço de convivência seria meu campo de pesquisa, pois a Universidade também é o espaço de convivência das/dos estudantes quilombolas. Antes, preocupava-me em entender como se dava a relação dos quilombolas dos com os estudantes não quilombolas, sem levar em consideração que eu mesmo enquanto estudante me incluía no campo.

Embora as/os estudantes quilombolas pertencessem a esse grupo social etnicamente diferenciado em relação à mim, o fato eu mesmo ser estudante universitário negro e contemplado pela política de reserva de vagas racial e escolar, pois sou também oriundo da escola pública, direcionou meu olhar durante a pesquisa de campo para pontos importantes para interpretação da realidade representada aqui, ainda que a partir de uma outra perspectiva específica, enquanto não quilombola. Os limites entre estudante não-quilombola e outras identidades sociais atribuídas à mim pelos quilombolas, era colocado no cotidiano universitário e nas entrevistas, onde as interações entre o pesquisador e os quilombolas levaram-me à essa compreensão de pessoa participante, pois constantemente, frases como "tu sabe, porque tu também é estudante" e minhas atuações como estudante universitário e militante do movimento estudantil da Unifesspa foram lembradas como importantes constituidores do meio. E quanto mais nós compartilhávamos essas experiências de "ser estudante", mais criava-se em nosso entorno a relação dialógica, defendida por Oliveira (1996). O olhar, ouvir e o escrever, foram fundamentais na identificação do lugar que eu ocupei e do meu papel no cenário durante a investigação.

Acredito que antes da observação de campo, o pesquisador precisa entender como ele pretende se inserir nele. Além disso, perceber as diferenças de quando consegue se inserir e de quando não estava nessa posição, que envolve os processos de amadurecimento teóricos e práticos de cada pesquisador para o detalhamento de cada realidade. Nós precisamos saber o momento em que começamos a estar no campo e o momento que conseguimos nos inserir nele e quais as experiências que nos possibilitaram tal feito. Geertz (2015), quando estudou os balineses, explica que mesmo morando com eles na tentativa de se introduzir naquele cotidiano, a princípio, era como se o pesquisador não existisse no ambiente, não despertando

interesse por parte dos observados. Nesse momento, ela estava no campo, porém, não fazia parte do cotidiano dos moradores.

Antes de conseguir a confiança dos balineses, Geertz e sua esposa andavam entre os moradores como não-pessoas, observando e anotando, porém sendo ignorados. Segundo o autor, “as pessoas continuam martelando, conversando, fazendo oferendas, olhando para o espaço, carregando cestos enquanto um estranho vagueia ao redor e se sente vagamente como um ente desencarnado” (p. 185). Entretanto, essa relação mudou após uma das manifestações culturais (a briga de galos), que acontecia no centro da cidade. A realização de briga de galos, como o nome adianta, consiste no incentivo de disputas corporais entre galos, que envolve uma série de significados para os balineses, que não se resumem às lutas em si.

Os galos se atacam e brigam até a morte usando esporões forjadas por especialistas e por isso foram consideradas como atos bárbaros pelos colonizadores e criminalizadas. Com a chegada da repressão policial os participantes dispersaram-se em direções heterogêneas para escaparem. Os pesquisadores escolheram racionalmente, entre fugir ou permanecer parados e decidiram correr junto às outras pessoas. Essa atitude foi bem vista pelos balineses e a partir desse momento, ao perceberem que poderiam ter alguma vantagem com a presença deles entre o grupo, eles começam a interagir e enxergá-los como pessoas. Isso não quer dizer que todas as inserções no campo vão se dar da mesma forma, pois as pessoas são diferentes umas das outras. O que eu quero chamar a atenção é sobre identificação do momento de inserção e de quando e como isso ocorreu.

As conversas e observações no campo de pesquisa davam-se em duas situações: nas situações de entrevista com os estudantes, usando gravador de voz e roteiro elaborado com perguntas semi-abertas sobre os Quilombolas e suas comunidades, ambiente escolar e universitário e as relações vividas em sala de aula, que chamo de conversas formais; e as interações com os Quilombolas sem auxílio de roteiro ou gravador, que aconteciam nos corredores da Universidade ou em atividades em eventos políticos, estudantis e culturais<sup>11</sup>, ou seja, do cotidiano universitário. Nessas situações, descrevo também as informações observadas durante minhas interações com estudantes não-quilombolas e que são importantes para a pesquisa, tratadas como conversas informais.

---

<sup>11</sup> Seminário de “Políticas Afirmativas e Diversidade na Unifesspa”, de 14 a 16 de setembro de 2015 e o Seminário “Todas as Vozes: amar é respeitar as diversidades”.

É perceptível o limite colocado entre “eles” quilombolas e entre “nós” estudantes universitários não quilombolas, onde eu mesmo em alguns momentos era colocado por alguns “deles” como “nós” estudantes universitários, devido as experiências compartilhadas independentemente da noção de pertença étnica de cada “eu”. Essas experiências vão desde a obrigatoriedade dos trabalhos acadêmicos, as conversas em grupo de amigos no ambiente universitário e participação nos eventos políticos e culturais. Em resumo, é preciso pontuar, levando em consideração as trajetórias e processos de identificação diferenciada em cada identidade coletiva.

Como quando a forma de entrada nos cursos de graduação se constituem como elementos diacríticos, na medida em que “eles” são do Pse e os “outros” de outras formas de ingresso, como a Ampla concorrência. Gerando, com isso, novas delimitações de fronteira étnica, como moradia, acesso à saúde e educação, parentesco, afinidade e posição social. A Universidade e a minha própria vivência como estudante foram assimiladas em experiências de investigações etnográficas, reconhecendo-me como agente de transformação da realidade, sobretudo enquanto participante da pesquisa do Projeto Acolhimento.

A partir desse divisor, passei a levar em consideração não somente as entrevistas com os estudantes quilombolas realizadas por mim, mas também todo o qualquer acontecimento que os envolviam tornaram-se objeto de análise, desde comentários informais e posicionamentos dos estudantes não-quilombolas em relação aos estudantes quilombolas até os eventos oficiais realizados na Universidade.

De acordo com Barth (2011), as fronteiras étnicas são criadas e mantidas através das negociações entre os diferentes grupos, onde os chamados fatores diacríticos, que marcam as diferenças, podem ser ou não ativados, a partir das escolhas do grupo. Nesse momento, o lugar do “outro” e o lugar do “nós” é demarcado pela semelhança e dessemelhança. É importante observar desde já, contudo, que apesar da estratégia de mudança do perfil discente da Universidade através do Pse, essa alteração pouco tem efeito sobre as mudanças estruturais com relação ao racismo e marginalização de certos grupos, se não forem ampliadas as condições para o reconhecimento e afirmação das diferenças por parte dos grupos marginalizados e historicamente excluídos no que se refere ao ensino superior. Segundo os relatos de Paula e Taiana, muitos estudantes quilombolas não afirmam sua identidade étnica dentro da Universidade por vergonha e outros motivos que elas desconheciam até então. Isso é o ponto de partida da discussão deste Capítulo.



### 2.3. As fricções e delimitações das fronteiras étnicas

Apresentada a contextualização do trabalho de campo, discutirei a seguir, fundamentando-se, principalmente em Barth (2011), como a identidade quilombola dos estudantes é percebida pelos “outros” no ambiente Universitário. Sendo a Universidade um espaço moral, Cardoso de Oliveira (2011) defende que não é possível nesses espaços, a possibilidade de análise de temas que envolvem as identidades étnicas, sem levar em consideração como o “Eu” se insere naquele contexto social. Para o autor, o "eu" social pode amalgamar mais de uma identidade social, dependendo da sua constituição enquanto pessoa em termos da sua biografia. Sua existência possibilita o compartilhamento de experiências, uma vez que "consegue diferenciar cada pessoa uma da outra, estando subordinada em uma cultura ou não" (p.70). O processo de reconhecer a si mesmo com as identidades étnicas e atrelá-las ao Eu social dá-se em ambientes morais, caracterizado por Cardoso de Oliveira, como "império da liberdade" (p. 75), onde cada pessoa pode fazer suas próprias escolhas racionais independentes umas das outras e dos vários Eus.

Os elementos culturais que englobam os sujeitos num mesmo grupo étnico se manifestam nos momentos de fricção entre os diferentes grupos e não o isolamento geográfico. Portanto, na universidade, como campo social (Bourdieu, 1989) de interação entre diversos grupos, os estudantes quilombolas se reconhecem entre si, como pertencentes ao mesmo grupo étnico, a partir das características comuns e pelos critérios de diferenciação dos “outros”, estabelecidos socialmente de acordo com sua relevância para o grupo.

Essa relação de inclusão e exclusão dos grupos, bem como seus limites sociais, é o que Barth (2011) chama de fronteiras étnicas. As interações sociais entre os sujeitos de grupos étnicos diferenciados se dão em sociedades chamadas pelo autor de “poliétnicas”, onde os atores sociais englobados pelas características comuns, pelas quais se identificam e são identificados pelos demais, são as responsáveis pela manutenção das fronteiras. Para Cardoso de Oliveira (2011), “o “Eu” “possui um sentido reflexivo que o habilita a se distinguir com absoluta consciência a si próprio, de outra pessoa ou de qualquer outra coisa” (p. 67).

isso significa um “eu” socializado cujo a inteligibilidade pode se dar conta por meio da noção de pessoa ou per hold, em inglês. E em sua condição de pessoa, esse "Eu" social, esse fator reflexivo não apenas assegura sua identidade pela consciência que tem de sua história pessoal, mas ainda se reconhece enquanto tal diante dos outros (*idem*, p. 73).

Essas diferenças entre um estudante quilombola e um não quilombola poderiam ser "escondidas" pelo Eu nas mais diversas situações dentro Universidade, desde que eles quisessem usar essa alternativa proporcionada pelo ambiente moral. Em outras palavras, os estudantes escolheriam invocar ou não sua a identidade quilombola ou suas identidades negras, de mulher ou outra identidade social na qual se identifica e é identificada pelo grupo.

Manipular essas identidades, mantendo-se íntegro ao seu eu, mostra sua capacidade de escolha, melhor diria, sua liberdade de escolha de identidade em conformidade com os diferentes interlocutores com quem interagiria ou nos diversificados cenários em que [o sujeito] se situava (Pg. 79).

Uma das hipóteses que surgiram durante o levantamento bibliográfico e primeiras entrevistas como os quilombolas, foi a de que se eles não se autodeclarassem como pertencentes a uma identidade étnica diferenciada socialmente e que, sendo o campo de análise a Universidade, os quilombolas passariam por estudantes não quilombolas. Entretanto, de acordo com Barth (2011), para que os estudantes quilombolas “mudassem de identidade”, seria preciso primeiro, que o grupo no qual desejam se identificar reconheça essa possibilidade e os aceitem entre o grupo.

Depois disso, seria preciso também que o quilombola imergisse completamente nos padrões de sociabilidade dessa nova identidade, bem como assumisse as características diferenciadoras e englobantes. Lembrando, é evidente, da necessidade de reconhecer as fronteiras que separam os grupos étnicos e sua “nova identidade individual”. Isso é improvável, porque a história de vida dos estudantes quilombolas está estreitamente ligada aos seus territórios, estilos de vida e modo de produção diferenciado com relação aos grupos dominantes, que envolvem as questões de parentesco e afinidade citadas no Capítulo 1.

Apesar da mudança de circunstância, colocada por Barth como um dos “incentivos” para mudança de identidade, o tempo correspondente a essa mudança não é suficiente para assimilação ao novo grupo étnico, seja qual for essa nova concepção de pertença, pois, a “identidade étnica é associada a um conjunto específico de padrões valorizativos, segue-se que existem circunstâncias em que uma tal identidade pode ser realizada com moderado sucesso e limites para além dos quais tal sucesso é impraticável” (p. 209). A pertença étnica é uma questão de origem e para se entender as motivações de autoafirmação num determinado grupo étnico, é preciso analisar todos os atores compostos anteriormente ao

campo social, tendo em vista que as “categorias individuais são mais significativamente afetadas pela ação e pela interação do que pela contemplação” (p. 215)

A autoatribuição de determinada identidade social como ação política e também as interações e fricções étnicas no campo social, de acordo com o autor, não são influenciadas pela estratificação social, na medida em que as performances dos sujeitos não alteram a estrutura da sociedade.

Penso, que na maioria dos casos, tais situações apareceram como um resultado de eventos históricos externos; as diferenças culturais não surgiram do contexto organizacional local – trata-se, antes, de um contraste cultural preestabelecido que, colocado em conjunção com um sistema social preestabelecido, tornou-se de diversas maneiras pertinente para a vida social nesse sistema (BARTH, 2011, p. 217).

Também, segundo o autor, existem sociedades cuja algumas interações não são conduzidas pelas relações inter-étnicas, nas quais podem ser percebidas a existência das “minorias”. Para compreensão do uso do termo “população majoritária” utilizada por Barth, é preciso entendermos como se dá a distribuição de capital nas sociedades estratificadas a partir de Bourdieu (1989). A Universidade se constitui como um dos meios encontrados pela classe dominante permanecer nessa condição frente aos dominados, enquanto produtora de ciência e de *status*, representadas pelos estudantes quilombolas como centros de conhecimento e propulsores de melhores condições de vida. Ela é o símbolo, bem como o diploma de graduação, de uma reivindicação numa determinada posição social, que pode ser nova ou não para o sujeito que o faz.

A universidade é também, instrumento de exercício do poder de uns sobre os outros, na medida em que exclui sumariamente de determinados sujeitos sua inclusão nos seus projetos de vida. Os concursos vestibulares são uma prova disso, onde alguns conseguem alcançar a possibilidade de mudança do seu status de dominado, ou seja, sujeito a determinadas possibilidades de acordo com as condições dadas pela sua realidade, para a de dominante, no que se refere ao poder atribuído ao significado de ser estudante Universitário.

A Universidade torna-se instrumento de poder e dominação, na medida em que colaborara com a divisão social do trabalho e das funções sociais entre aqueles que estudam e que podem ter um “futuro promissor”, que desenvolverá um trabalho mais técnico e especializado (trabalho intelectual) e que será diferente daquelas desenvolvidas por quem não tem os mesmos projetos de vida, caracterizados por uma estudante quilombola como “vadios”.

A ausência da graduação nas trajetórias de alguns quilombolas significa a continuação das atividades desenvolvidas pelos mais velhos, ligadas ao o plantio e trabalho com terra, e em específico das mulheres quilombolas, casar e ter filhos. A capacidade de acumulação de capital, seja ele cultural ou simbólico (Bourdieu, 1989), é o que classifica a população entre dominantes e dominados, assim como define os grupos minoritários e majoritários, pois a distribuição do capital é controlada pelo grupo dominante (*idem*). Essa relação é bem detalhada por Barth, ao descrever a sociedade indiana, segundo o autor,

quando os párias [minorias sociais] tentam introduzir-se na sociedade mais ampla, geralmente é porque a cultura da população hospedeira é bem conhecida; desse modo, o problema fica reduzido à possibilidade de fugir dos estigmas do estatuto de subalterno, dissociando-se da sociedade pária e simulando uma outra origem (p. 218).

A realização de um Samba de Cassete apresentado pela comunidade de Umarizal na Unifesspa, como atividade do “Seminário Políticas Afirmativas e Diversidade na Unifesspa”, entre os dias 14 e 16 de setembro de 2015 se caracterizou como ação política importante para delimitação das fronteiras étnicas no ambiente universitário. A transformação da estrutura social, como defendido por Barth exige uma série de acontecimentos históricos da mesma natureza para que alguma mudança seja efetivada.

E o Pse como modalidade de Ação Afirmativa é um ótimo exemplo, na qual se caracteriza como meio por onde os estudantes quilombolas podem gerar ações sociais constantes, que serão capazes de transformar a estrutura a partir da relação de dominante e quem detêm o controle do capital; e dominado, que são os grupos subordinados a essa distribuição. Por isso é que elas são concebidas a longo prazo. Os novos atores, introduzidos no cotidiano da Universidade conforme os novos vestibulares, precisam perceber a presença dos outros atores sociais que não fazem parte do grupo majoritária, cuja presença não é permitida por causa das condições de cada realidade. A apresentação do Samba de Cassete foi importante da demarcação dos limites étnicos, porém, essas interações precisam se tornar habituais.

Segundo pude observar nas interlocuções, as relações de fricções inter-étnicas entre os estudantes Quilombolas e não-quilombolas se dão principalmente nas salas de aula, onde geralmente os próprios estudantes demarcam suas identidades individuais como social e culturalmente diferenciadas. As fronteiras étnicas entre os grupos começam a ser delimitadas, a partir das noções de semelhança e diferença entre os estudantes. Essas interações giram em torno, principalmente, das desconstruções do que é uma Comunidade

Quilombola e mesmo do que é ser quilombola, que quase sempre correspondem a visões estereotipadas e generalizantes tidas por parte dos estudantes não quilombolas.

A necessidade de sempre citarem frases como “apesar disso, nós somos iguais” é muito marcante nas experiências de cada estudante que reivindica sua identidade quilombola dentro da Universidade. As próprias ideias sobre as Ações Afirmativas na Universidade são criadas a partir de preconceitos, exigindo que os Quilombolas reafirmem sua importância e objetivos nas suas trajetórias de vida.

O Pse é percebido como um sistema de reserva de vagas ou "cotas" para a maioria dos estudantes não quilombolas, fazendo com o que os quilombolas expliquem sempre que necessário o seu processo de construção da noção de pertença étnica, de onde vem, como chegaram e porque estão na mesma sala de aula que os “outros”. As opiniões relacionadas ao auxílio permanência recebidos, também geram conflitos e demarcação de diferenças entre os estudantes, porque os estudantes quilombolas o recebem diretamente no Ministério da Educação (MEC) através do O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que tem valor aproximado de R\$ 900,00 e que é superior<sup>12</sup> ao auxílio recebido pelos estudantes não-quilombolas.

Por essa razão, surgem as piadas em relação aos quilombolas, baseados nas pré-concepções de que a vivência universitária para os quilombolas é menos complicada do que para os não quilombolas, refletido em comentários como “se ela pode, porque eu não posso?” ou então “assim até eu quero ser Quilombola”, ambos comentários presentes nas narrativas de Taiana, estudante de Saúde Coletiva. Isso é reflexo das confusões criadas em torno das relações raciais no Brasil e, principalmente, no que tange as comunidades quilombolas. É muito comum no cotidiano dos estudantes não-quilombolas os comentários sobre a falta de conhecimento sobre os quilombolas, muito menos se constituem como grupos etnicamente diferenciados e que convivem em comunidades diferentes do modelo hegemônico e que lutam pelo direito a diferença.

---

<sup>12</sup> Os outros auxílios para permanência estudantil da Unifesspa são o auxílio moradia, no valor de R\$ 400,00; Permanência, de R\$ 400,00; Creche, de R\$ 200,00; Permanência Intervalar, que depende da região em que o estudante mora, variando entre dois valores: de R\$ 400,00 (moradores do município) e de R\$ 800,00 (para os de fora); e o Auxílio Emergencial, “concedido a estudantes que estejam com dificuldades emergenciais momentâneas e súbitas e que impeçam sua permanência na Universidade” (Dados oficiais da PROEX, disponível <em [https://proex.unifesspa.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=187%3Aprograma-de-apoio-e-permanencia](https://proex.unifesspa.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=187%3Aprograma-de-apoio-e-permanencia)>, último acesso em 21/09/2017.

**Fotografia 01:** Foto das/dos facilitadores da mesa “Povos tradicionais: indígenas e quilombolas” vista da plateia e do público



Fonte: imagem de divulgação do evento publicada num dos sites oficiais do DCEJR<sup>13</sup>.

Além do ambiente de sala de aula, os elementos diacríticos referentes aos estudantes quilombolas, são delimitadas também nos eventos acadêmicos, políticos e estudantis realizados com a participação dos quilombolas como principais atores sociais. O Seminário “Todas as vozes: amar é respeitar a diversidade”, onde os quilombolas dirigiram um espaço de discussão com a comunidade acadêmica sobre as suas vivências e trajetórias de vida. Como quilombolas dirigentes do debate, na vista do público, contando a partir da esquerda estão as estudantes Paula (primeira pessoa), representante da Associação de Indígenas e quilombolas da Unifesspa, Josy (terceira) e Edivan (quinta).

Mesmo com relação às medidas de apoio à trajetória universitária dos Quilombolas que contam com a participação direta dos estudantes não-quilombolas, o estereótipo de

<sup>13</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/dcejr.unifesspa>> último acesso em 21/09/2017.

Quilombo prevalece entre as opiniões. No dia 26 de julho de 2017, participei de uma conversa com outras três pessoas não-quilombolas, um discente do curso de Química, uma de Engenharia da Computação e a outra sem vínculo com a UNIFESSPA. A estudante de Engenharia comentou sobre a reabertura do programa de “Monitoria Quilombola”, porque no último processo de seleção apenas a uma estudante havia sido selecionada. De acordo como o Edital N° 11/2017 da PROEG/UNIFESSPA<sup>14</sup>, o programa tem por objetivo colaborar com a inclusão dos estudantes Quilombolas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da Unifesspa, tendo em vista as diferenças relacionadas sua origem.

Perguntei se ela iria se inscrever e qual era sua opinião sobre o projeto o que, segundo ela, é muito confuso. É muito “estranha” a existência de apenas três vagas para “dar conta” de todas as Engenharia da Unifesspa, pois cada curso tem suas disciplinas específicas e por isso a hipótese de que bolsa funcionaria como um auxílio aos Quilombolas nos conteúdos estudados e sala de aula. Apesar do discurso oficial da Universidade, na concepção da estudantes não-quilombola, o Programa serviria como uma ajuda para integração dos quilombolas à sociedade, onde os bolsistas não-quilombolas auxiliariam os estudantes quilombolas a se adequarem às regras sociais da Universidade envolvendo todas as suas funcionalidades. Além disso, existe a necessidade, percebida pelos discentes como uma ação institucional, de igualar todos os discentes, mesmo reconhecendo os diversos grupos que compõem a Universidade.

Apesar disso, os estudantes quilombolas são percebidos com certa surpresa em sala de aula pelas pessoas não-quilombolas, que pronunciam frases como “você é quilombola? Mas você nem parece...”. O estereótipo criado a partir dos preconceitos dos alunos e professores do que é uma comunidade quilombola e seus moradores não corresponde às representadas em sala de aula. O que causa ainda mais estranheza durante a fricção entre os estudantes quilombolas e os que não são, pois esperava-se tratarem de pessoas sempre negras, em condições de miséria e com roupas não-bonitas. Quando não são referidos como algo que só existiu no passado, alguns os estudantes não-quilombolas relacionam os quilombolas com os indígenas, colocando-os como se sempre habitassem o mesmo território, acreditando que eles passaram por um processo de integração por casamento e descendência, gerando uma

---

<sup>14</sup>Disponível

em:

[https://proeg.unifesspa.edu.br/images/DPROJ/VERSO\\_FINAL\\_MONITORIA\\_QUILOMBOLA\\_2017\\_2\\_-E\\_-2017\\_VERSO\\_FINAL.pdf](https://proeg.unifesspa.edu.br/images/DPROJ/VERSO_FINAL_MONITORIA_QUILOMBOLA_2017_2_-E_-2017_VERSO_FINAL.pdf). Último acesso em 18/09/2017.

“mistura de índio com negro” (Informação percebida em conversa informal com uma estudante não quilombola).

Mesmo com relação às experiências universitárias, os estudantes quilombolas se colocam numa relação de proximidade com os indígenas. Em certos momentos das trajetórias desses povos no Brasil, existiram pontos em comum (ARRUTI, 2006), mas, é importante frisar que eles não constituem um mesmo grupo étnico, conforme demonstra o autor. Muito menos aja a necessidade de integra-los à sociedade não-quilombola e não-indígena. A presença do corpo discente, docente e técnico administrativo nos espaços de diálogo sobre as comunidades quilombolas e os quilombolas evitaria ou diminuiria esses pensamentos e outras conclusões precipitadas sobre as pessoas e os estudantes quilombolas. Fato informado no relatório de *Relatório do Seminário de Políticas Afirmativas e Diversidade da Unifesspa 2016* (FERNANDES; GUIDO e SOARES, 2016). A proposição feita pelas/os participantes do “Grupo de Discussão Ações Afirmativas para Quilombolas”, coordenado pela Profa. Me. Rita de Cassia Costa, foi a de que é necessário a Universidade precisa criar espaços de diálogo e compartilhamento de informações sobre as “trocas de experiências entre ensino, pesquisa e extensão” (p.29), porque, desta forma, a temática quilombola será de amplo conhecimento.

A persistência de preconceitos como incapacidade reflexiva dos negros ou indígenas, fortalece os questionamentos sobre a presença dos estudantes quilombolas na Universidade, o que de acordo com as interlocuções, levam a entender que as experiências universitárias para os estudantes quilombolas são menos complicadas do que para os estudantes não quilombolas, por serem contemplados pelas Ações Afirmativas presentes na Unifesspa. Nos conflitos entre os grupos étnicos, alguns dos estudantes quilombolas sentem a necessidade de quase sempre reafirmarem uma posição de igualdade em relação aos não quilombolas e que fazem parte da comunidade acadêmica tanto quanto eles, usando termos como “civilizadas” para os caracterizar.

O samba de cassete apresentados pelos moradores da comunidade de Umarizal, identificados pela narrativa de Paula e pela observação das participantes da dança, em sua maioria mais velhas do que a estudante, com uma pouca participação dos quilombolas estudantes da Unifesspa, mesmo aqueles que são de Umarizal. Esse mecanismo de quebra do cotidiano e daquilo que faz parte do hábito da Universidade, à primeira vista, pode parecer que os quilombolas não sentiram vontade de participar de propósito, caracterizado como “vergonha” por alguns estudantes. Entretanto, caímos no erro das generalizações dos grupos



étnicos, assumindo que todas as comunidades quilombolas, bem como os quilombolas, possuem a mesma pertença étnica baseada nos mesmo elementos culturais. A não participação de alguns no samba de cassete não significa uma negação da identidade étnica, mas que, pelo menos, aquele elemento não é um elemento acrítico para aquele sujeito.

## **CAPÍTULO 3: PROJETOS DE VIDA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E UNIVERSIDADE**

### **3.1. O papel das famílias na trajetória universitária das/dos quilombolas**

De acordo com as narrativas dos estudantes, seus primeiros momentos na Universidade tornam-se difíceis por três motivos principais: 1) o processo de mudança para a cidade de Marabá exige uma nova residência, já que suas antigas ficam a quilômetros de distância. Essa busca se dificulta na medida em que o estudante não tem nenhum conhecido na cidade. Para grande parte deles, a primeira vez que estiveram na cidade foi durante a realização do PSE, onde conhecem colegas quilombolas de outras comunidades e combinam de morar na mesma casa, como aconteceu com Ellen, Deidiane e Gisely. Se nesse momento o lugar de residência não fizer parte dos seus projetos, essa busca se dá apenas após a divulgação do resultado final do processo seletivo, quando os estudantes mudam-se de fato; 2) Marabá é considerada pelos estudantes como uma cidade onde o custo de vida é elevado, fazendo com que os preços da comida, transporte e aluguel despendem de boa parte da sua renda individual, do grupo ocupante da nova residência ou das que continuam nas comunidades Quilombolas ou nas cidades próximas delas, conforme as condições apresentadas pelo meio; 3) a única fonte de renda dos estudantes quilombolas é o dinheiro que suas mães, pais e outros parentes os enviam com regularidade ou não, dependendo das condições de cada grupo familiar. Somente depois de alguns meses o processo de solicitação da Bolsa Permanência é concretizado e os quilombolas começam então a receber um complemento de renda, que ainda assim, é capaz de proporcionar poucos momentos de lazer, como passeios e ter acesso a outros pontos da cidade, que não exijam muito dinheiro para locomoção.

Nessas condições, o apoio financeiro da família nuclear ou extensa é um dos principais meios de colaboração e materialização dos projetos universitários, atrelados aos projetos de vida dos estudantes, nas perspectivas de melhoria das suas condições de vida e de suas famílias. As graduações não são escolhidas ao acaso, pois seguem um padrão de possibilidade de mobilidade social e cooperação comunitária após a finalização das trajetórias Universitárias. Os grupos familiares, assim como os estudantes quilombolas, acreditam que a Universidade é um dos principais meios facilitadores da busca por emprego

e entrada no mercado de trabalho. Uma das estudantes de Engenharia da Computação, relatam que algumas profissões têm pouca demanda de trabalhadoras/es disponíveis no mercado de trabalho e, por isso, as chances de desemprego são menores e também tornam os salários elevados por conta da relação de oferta/procura. Pensando nisso, as famílias desses quilombolas projetam e incentivam a formação do estudante nas áreas do conhecimento onde essas relações são identificadas. De acordo com ela, esses são um dos motivos de escolha do curso de Engenharia da Computação:

[...] o que me incentivou a ficar mais nesse curso foi a minha mãe, porque falaram pra ela que nessa área tem muita... muita demanda... tá carente de pessoas, sabe, para emprego. Ai foi isso que incentivou ela a me incentivar. Ela me incentivou, porque eu não queria. Eu ia começar, mas eu ia fazer outro processo para tentar passar pra Odonto, mas só que a mamãe ficou me falando, ficou me incentivando, falando isso, falando aquilo e eu falei, está bem, vou tentar. [...] A mamãe falou isso, mas ela disse 'tu tenta, mas se tu não gostar, tu tenta para Odonto também'. [...] Eu com medo de perder a vaga [de Eng.] e não passar pra Odonto, comecei a cursar [...]. Foi por isso também, porque o meu medo também era o de cortar. De cortarem esse processo seletivo, sabe? Por causa que a Dilma está cortando tudo. Ai eu fiquei com medo de cortarem e não conseguir passar na federal pelo Enem e ficar sem fazer nada (Ellen, em 17/04/2016).

É importante salientar que tais projeções também seguem a lógica do prestígio e privilégio social, fazendo com o que alguns cursos sejam mais procurados pelos estudantes quilombolas do que outros, como observado na Tabela 01. Isso não quer dizer, é evidente, que todos os estudantes tem os mesmos objetivos, pois outros poucos também se interessam pelos cursos de baixo prestígio, sendo que Pedagogia teve a mesma quantidade de inscritos que Direito em 2014.

Além da valorização social dada a determinados cursos por conta das projeções de salários elevados ou pelo prestígio da profissão, se a graduação estiver embutida do *status* de estudante de uma Universidade Federal, acredita-se que essa trajetória sejam um ato de bravura, onde é difícil de entrar e muito mais difícil de sair (Edivan<sup>15</sup>, 2017). É difícil de entrar devido a alta demanda de inscritos nos concursos vestibulares, fato presente nas narrativas de alguns estudantes e observável na relação entre a quantidade de vagas e número de inscritos nos PSE, informação foi divulgada<sup>16</sup> oficialmente apenas na edição de 2014. O que também influencia na escolha dos cursos e das Instituições. A Ufpa, por ser mais antiga,

<sup>15</sup> Edivan Barros, quilombola de Umarizal e estudante de Ciências Econômicas.

<sup>16</sup> Disponível em:

[http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA\\_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/demanda/demandaUnifesspaPSE2014-quilombolas.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/UNIFESSPA/UNIFESSPA_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/demanda/demandaUnifesspaPSE2014-quilombolas.pdf) . Último acesso em 18/09/2017

conhecida e ofertar cursos como Medicina e Odontologia, dado percebido nas interlocuções com os estudantes quilombolas, em seus vestibulares é mais procurada por eles do que a Unifesspa. Ela é vista como segunda alternativa, quando a possibilidade de aprovação em outra Instituição é mais difícil pela poucas vagas disponibilizadas para a quantidade de candidatos e candidatas inscritas. De acordo com a demanda por curso de opção<sup>17</sup> do Pse de 2014 da Ufpa, o curso de Medicina tinha apresentava 54 inscritos para cada uma vaga. Como são acrescentadas duas vagas em cada vestibular, o total de quilombolas que se candidataram para o curso em 2014 foi de 108 pessoas. Odontologia – Matutino, por sua vez, foram 38 inscritos no total. Taiana, estudante de Saúde Coletiva, se inscreveu no Pse da Unifesspa depois de ter feito o da Ufpa e planejando a transferência para o curso de Medicina em Marabá, que estava previsto para início em 2017. Lorrán, estudante de História, por sua vez, foi reprovado na seleção para o curso de Enfermagem da Ufpa “devido pra lá a concorrência ser muito maior para quilombolas também, e foi mais difícil. Eu tentei, só que eu fiquei em quinto [lugar] e só eram duas vagas” (23/08/2017).

Universidades mais conhecidas e mais “renomadas” socialmente recebem maiores quantidades de inscritos, de acordo com as narrativas dos quilombolas, tornando-se também, as primeiras opções dos estudantes, sempre projetando profissões de carreira que proporcionam algum tipo de *status* e retorno financeiro, planejando a mobilidade social e transformação da sua realidade, proporcionada pela quantidade de capital<sup>18</sup> por ele acumulada (DUTRA, 2012) durante a graduação, já que “as posições de dominância dentro do campo [social] não são fixas sendo possível que os atores heterodoxos venham a ocupá-las” (p. 27).

A Unifesspa é quase sempre a segunda alternativa dos estudantes quilombolas, sendo escolhidas depois de falhas em vestibulares de concorrência universal para cursos “grandes” como Odontologia ou no PSE da UFPA, que é mais concorrido. E também por conta do

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/pse%202014-7/demandas/Demanda%20-%20quilombola.pdf>, último acesso em 22/09/2017.

<sup>18</sup> O capital é o conjunto dos saberes e poderes acumulados pelo indivíduo ao longo de sua trajetória de vida no seio de um grupo ou classe social. O capital possui dimensões materiais e simbólicas que se intercambiam, não havendo uma separação clara entre as duas esferas. As estratégias e ações de acumulação desenroladas pelos indivíduos refletem, portanto, a busca pelos elementos valorizados no interior do campo que é reproduzido pela ortodoxia e ainda pela heterodoxia em se envolver na disputa. [...] é ainda [...] sua forma de poder advindo da acumulação econômica e simbólica (conhecimentos gostos, influência social, etc.) de bens necessários para dar legitimidade às ações sociais. É também fonte importante de hierarquização dos indivíduos reforçando visões sociais de classificação e segmentação social. A posse de diferentes tipos de capital confere assim uma forma de dominação entre aqueles classificados dentro das representações dominantes das hierarquias sócio-econômicas, isto é, das relações de poder no interior da sociedade (DUTRA, 2012, p. 27).

desconhecimento da sua existência por parte das comunidades quilombolas, que muitas vezes, se informam das datas e dia de inscrição como os parentes e amigos que já fizeram o Pse da Unifesspa ou conhecem alguém que já fez. Entretanto, as instituições particulares, mesmo que próximas dos quilombolas, não faziam parte das intenções de futuro da maioria das/dos estudantes quilombolas, porque as condições financeiras das famílias não conseguem suprir as despesas com as mensalidades, fazendo com que a relação custo/benefício não seja atrativa. Essa proximidade também pouco influencia quando as graduações são fortemente hierarquizadas, como quando perguntei sobre o campi de Baião da Ufpa para Ellen, de Umarizal, e porque ela não se interessou em se inscrever no Pse de lá. Sua resposta foi “porque lá só [...] [tem] curso que eu não em interessava, tipo Geografia, História... esses cursos não me interessavam eu queria coisa grande [...] eu queria mesmo era Ondonto” (17/03/2016).

A condição de estudante de uma universidade gera sentimento de orgulho e satisfação entre os seus familiares, porque é considerado uma grande impulsionadora de oportunidades na busca por um emprego e também a possibilidade de “ter um futuro bom” através dos estudos. Para a família de Taiana, por exemplo:

Taiana: [...] eles acham porque tu tendo uma graduação tu não vai só trabalhar naquela área. Mas através dela, tu pode usar para um concurso, né e eles acham importante devido a isso. Porque tu não vai se formar pra trabalhar somente naquilo, tu pode usar pra trabalhar em outras coisas. Essa a importância que eles veem nisso .

Marcos: eles falam o que geralmente?

Taiana: eles falam, ah, minha filha, estuda pra tu *ter um futuro bom*, não sei o que [...] (01/04/2016)

Eles têm orgulho [risos]. É porque eu tenho... o meu irmão mais velho ele não quer nada. Porque a maioria da minha família, sabe, eles não tem aquele incentivo de estudar, aquele vontade de estudar, sabe? Vontade de ir pra uma Universidade, de sair de lá formados [da Universidade], de *ser uma pessoa importante*. Não digo importante, mas que ganhe bem, assim, que dê de sustentar, sabe? Tem essa expectativa de vida. Minha mãe sempre me apoiou em sair de lá [para estudar], sabe? (Ellen, 2016)

Também tem a questão que a gente chega *pra buscar conhecimento*, esse conhecimento [...]. Sem conhecimento hoje em dia na área de trabalho a gente não tem nada. Mas hoje só com o ensino médio você não consegue qualquer trabalho assim “vou buscar” se você não tiver um curso técnico, qualquer curso, você não consegue nenhum trabalho (Ralfran, 2017).

O “apoio afetivo” (Paula, 2017) da família é frequentemente citado nas narrativas dos Quilombolas, sendo fundamental para construção da trajetória universitária. Além da ajuda com os bens de consumo, como alimentos e roupas, esse apoio funciona como motivação e inspiração. Os familiares “sempre falam: é difícil, mas é o meio que eu tenho para ter uma vida melhor né? Pra conseguir um trabalho, um emprego melhor futuramente. Então eles apoiam, sempre dão força para continuar e eu não desistir” (Ellen, 2015). Mesmo antes do acesso à Universidade, a estudante comenta que sua mãe sempre a incentivou a sair de Umarizal para concluir seus estudos, que concluiu o Ensino Médio em Tucuruí.

Conta que só precisa pensar na sua história de vida, na de sua mãe e em tudo que ela já passou para que a estudante pudesse avançar nos estudos e conseguir uma estabilidade e independência financeira. A preparação e preocupação com os estudos são muito anteriores à experiência universitária.

olha, sempre foi... como os meus pais sempre procuraram dar de tudo pra gente estudar, prioridade sempre foi estudar. Tanto que eles tiveram que se mudar pra cidade por causa disso, dos meus estudos, meus e dos meus irmãos. Eu sou a primeira a conseguir entrar pela universidade. Da minha casa, eu fui a primeira. E os meus pais apoiam totalmente. Tudo que eu preciso, eles procuram sempre um jeito para me ajudar (Deidiane, 2016).

A vida universitária dos Quilombolas os deixam distantes não somente das suas famílias nucleares e extensas, mas também de tudo que faz parte do cotidiano da comunidade e constitui sua biografia e construção de pessoa. A distância entre a Universidade e suas antigas residências, torna distantes os festejos religiosos, as relações de amizade mais antigas e dos rituais de funeral, visto como “sacrifícios”<sup>19</sup> de ser estudante pelos quilombolas. O processo de mudança transforma o estilo de vida, mesmo daqueles estudantes que estudaram o EM fora de suas comunidades, porque por mais que fosse, a relação Quilombo/Quilombola acontecia pelo convívio com suas famílias nucleares, que os acompanhavam nessa etapa, e com as famílias extensas, que permaneciam nas comunidades quilombolas. Para Ellen,

a diferença de lá [CQ] é porque tudo é calmo, tranquilo. As coisas tu consegue, não as coisas que digo assim, emprego, essas coisas assim. Eu estou falando dessas coisas assim, se você precisa de alguma coisa você vai e empresta do vizinho... aqui na cidade grande, tu não conhece praticamente quase ninguém. E como eu te disse, na cidade grande, tu só vive se tiver dinheiro. E lá tu tem como trocar ainda as coisas, lá tu tem como produzir teu alimento, tipo, tu pesca, tu caça, tu faz farinha, tu vai juntar castanha e vende, tu come fruta sem pagar [risos], tu come manga sem pagar, tu come banana sem pagar... é só tu produzir. É muito melhor e é menos violência.

<sup>19</sup> Termo utilizado por alguns estudantes quilombolas e não-quilombolas.

Os estudantes Quilombolas precisam arcar com quase todas as despesas relacionadas as suas graduações, desde material didático até os lanches entre as aulas. Como discutido anteriormente, não sobra dinheiro para os momentos de lazer<sup>20</sup> e como a Universidade é vista como prioridade e que faz parte da normalidade os sacrifícios pessoais e familiares, a distância territorial entre os estudantes e suas famílias é tida como um mal necessário para “ser alguém importante”.

A gente não é advinha. Então é uma coisa que a pessoa fala assim ‘ah, você tá numa federal, você tá de boa’ não sabe o que você passa dentro de casa. Não sabe o que é você tá há mais de quinhentos quilômetros da sua casa. O que é você ver acontecer alguma coisa, um festejo, alguma coisa na sua comunidade e você tá distante. Hoje podemos contar com a internet, podemos contar com a telecomunicação que nos ajuda, mas será que é mesma coisa? [...] ‘será que eu queria tá aqui?’ Eu queria estar lá na minha comunidade, ser feliz, estar curtindo [...] (Paula, 2017).

Na já citada visita do Programa de Acolhimento à comunidade em 2015, saímos de Marabá por volta de 8 h da manhã e chegamos entre meio dia e 14 horas na cidade de Tucuruí, a 120 km da comunidade. A estrada não possui asfaltamento a partir daí, o que torna a viagem mais cansativa. Segundo as narrativas dos estudantes, a viajem leva em média um dia inteiro de viagem, quando o ônibus não quebra ou quando a estrada está em período de chuva, porque é mais fácil atolar na lama. Com todas essas dificuldades, além do desgaste físico, os gastos com alimentação e outras necessidades aumentam, pois o período de tempo é maior e a viagens regulares não são vistas como vantajosas. Ainda mais se custo for relacionado com as atividades curriculares, considerando o dinheiro gasto com o tempo de visita à comunidade.

Durante o último recesso da Unifesspa entre os períodos letivos 2016.4 (julho a Maio) e 2017.2 (Maio a Setembro) para os cursos regulares e 2017.1 e 2017.4 para os cursos intervalares, encontrei com uma estudante de Umarizal e tivemos uma conversa de corredor na qual perguntei como iria aproveitar a folga. Ela me respondeu com tom de desânimo que ia ficar em Marabá porque o preço da viagem é elevado e não “vale a pena” gastar o dinheiro tendo em vista a pouca quantidade de dias de recesso, equivalente a 7 dias<sup>21</sup>. Além dos

---

<sup>20</sup> Quando aparece em algumas narrativas das/dos estudantes, refere-se aos momentos de descanso e recreação, independentemente se é na comunidade quilombola ou na cidade.

<sup>21</sup> O atraso no calendário acadêmico se deu por conta dos recentes movimentos de ocupação estudantil da Unidade I da Universidade e greve geral de professores contra a aprovação da PEC 241, transformada em PEC 55 quando seguiu para o Senado Federal. O intervalo de início da ocupação, início da greve, fim da ocupação e fim da greve corresponde a cerca 65 dias.

recessos e períodos de férias, os intervalos de dias mais longos que poderiam ser utilizados para visita familiar são os finais de semana. Contudo, o mesmo problema encontrado pela estudante de Umarizal com relação ao tempo e custo, é percebido por Taiana:

[...] eu não estou viajando muito porque tem, por exemplo, tem o final de semana para viajar, só que muitas vezes não dá não tenho dinheiro para ir e voltar, que é 120 [reais] só de passagem. Ai eu não vou gastar esse dinheiro, sendo que eu ainda vou ter que voltar e ter mais despesas aqui. Ai eu não estou viajando muito.

Segundo as narrativas, a vida universitária trará consequências financeiras ou culturais, que justificam todos os sacrifícios. Ideia também presente nas narrativas de estudantes não-quilombolas residem ou não com a família nuclear. Essa etapa da vida significa dedicação máxima aos estudos, mesmo que pra isso seja preciso se distanciar dos parentes e amigos, tornando-se um acordo entre ambos os lados. Em outra conversa informal, desta vez como uma estudante de Ciências Sociais, seus amigos e parentes já sabem sobre sua atual condição e que eles entendem o porquê de ela ser ausente durante a fase de graduação. As relações afetivas e outros tipos de interação social se entrelaçam com as experiências universitárias, para onde os estudantes dedicam boa parte do seu cotidiano.

A trajetória universitária altera o cotidiano e os hábitos dos estudantes Quilombolas, transformando seus estilos de vida que se adequam à cidade e ao ambiente universitário. Uma dessas mudanças de cenário é em relação a concepção de tempo entre a comunidade acadêmica, estreitamente guiada pelo calendário decidido a cada novo semestre letivo pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe). O calendário, que exige cumprimento das datas e metas referentes ao ensino/aprendizagem em sala de aula e todas as outras atividades, obriga os estudantes a se condicionarem às exigências guiadas pelo calendário acadêmico, como elaboração de trabalhos escritos, resolução de exercícios e leitura de textos científicos, sendo uma das principais dificuldades apresentadas pelos quilombolas nas narrativas. O tempo Universitário é cronometrado e cada etapa ou atividade é decidida com meses de antecedência, diferentemente do tempo da comunidade quilombola, segundo alguns estudantes, no qual as socializações dos moradores fazem parte de um cenário próprio, onde

[...] as crianças das comunidades, tanto faz indígenas ou quilombolas, elas não tem uma aprendizagem assim, de viver... ela já vai tendo uma base do que ela quer para o futuro. A criança quilombola não, ela vive sem pensar no amanhã, apenas pelo prazer de viver, ela fica brincando, correndo de um lado para o outro. [...] a gente não tem essa preocupação com o amanhã. A gente quer saber do hoje, a nossa brincadeira hoje (Edivan, 2017).



As brincadeiras são as formas de aprendizagem das crianças, logo, a forma de aprender dos estudantes Quilombolas também é diferenciada. Em contrapartida ao cotidiano dos Quilombolas e de suas famílias nas comunidades quilombolas, onde grande parte das preocupações eram construídas no presente ou no futuro próximo. O “amanhã” dos estudantes é antecipado para o agora pelas exigências do calendário de atividades acadêmicas. O tempo construído na Universidade é aquele destinado aos fazeres de prova, que precisa estudar hoje para sobrar tempo para depois disso apresentar um seminário em sala e depois ler um texto para discussão com os professores.

na brincadeira, na brincadeira, vai pegar comida, a gente vai alegre, feliz com aquela... ‘ah, a gente tem que ir pra faculdade’ não, se a gente vai pra roça, vai com alegria; se a gente vai pra qualquer lugar vai naquela felicidade porque a gente tá vivendo sem preocupações com o amanhã. Hoje [depois do ingresso na graduação] um colega chega e pergunta ‘e aí cara, como é que tá?’ e é só dor de cabeça, trabalho, muita confusão. Eu chego lá com a galera que é quilombola, a gente tem um grupo pra negócio de bola ‘bora bater uma bola?’ Não tem tempo, nunca tem tempo pra nada. Só pensa só em trabalho. Então é basicamente assim, a gente tem esse conhecimento lá, não tem preocupação como o amanhã. Depois que eu passei pra universidade eu vim conhecer esse mundo de preocupações, de tanta dor de cabeça, que não é mentira não. Eu tive dor de cabeça que eu nunca tive na minha vida de tanto estudo. Universitário é o sonho de muitos, mas realmente tá buscando essa escolha. (Edivan, 2017)

Os tipos de brincadeira são alterados conforme sua mudança pra cidade e a iniciação e continuação nos espaços de sociabilidade e interação social, como a feitura de roça, pesca ou participação nos festejos desenvolvia-se de acordo com a proximidade dos Quilombos, que pode acompanhar ou não seu avanço na trajetória escolar. Isso depende das disposições de cada escola e onde ela está inserida, onde o aluno terá condições de participar das atividades de seu interesse ou do grupo. Quanto mais próxima da CQ, mais próximo do cotidiano e dos costumes locais ele estará. Na maioria dos casos, os estudantes precisam sair de suas casas para iniciar e concluir o EM nas cidades mais próximas, onde encontram costumes e um cenário diferentes do seu, como a “pressão do Enem”, ligada com a formação universitária. Ellen estudou no que denomina de escola de “crente”, liderado por “irmãs” onde podemos supor a existência de elementos presentes no cotidiano da escola peculiares em relação a uma escola não religiosa e que nos quais era submetida.

Assim, eu.. eu desde o ensino fundamental e não fu aquela aluna, sabe, de pegar e estudar eu só era estudar pra passar, entendeu? Só estudar para passar eu não estudava muito ai eu não participava. No ensino médio que eu fiquei com mais amigos, porque eu morava lá, né, ai eu participava das coisas... e jogava bola, jogava vôlei a tarde... tinha (Ellen, 2016).

Cada momento de descanso e trabalho é pensado e calculado de acordo com as responsabilidades acadêmicos. As trajetórias universitárias exigem uma noção de tempo diferenciado e geram preocupações com os “artigos da vida” e com a “escrita acadêmica”, que os quilombolas não foram habituados por causa das condições do EM e do cotidiano diferenciado com seus parentes e amigos.

### 3.2. Os Projetos de Vida das/dos estudantes Quilombolas

A saída da comunidade quilombola significa, futuramente, mais liberdade em relação à dependência financeira e afetiva das suas famílias. O “interior”, distinção feita pelos Quilombolas entre os centros urbanos e as pequenas vilas, é tido como lugar de muito preconceito e na Universidade as pessoas não se importam com as pessoas fazem ou não fazem (Lorran, 2017). O PSE é visto também como uma oportunidade de liberdade financeira, pois o resultado dele é a possibilidade de mobilidade social e rompimento desses laços de dependência. O estudante quilombola termina o ensino fundamental e o EM e volta para morar com os pais na comunidade e trabalhar e suas roças ou formar seu próprio núcleo familiar. Isso quando o sujeito não é “vadio e [...] não quer passar. Não quer estudar [...]” (Ellen, 2016). A escola e o acesso à ela, segundo Bourdieu (1989), está ligado mais às condições sociais dos sujeitos do que qualquer outra coisa. A possibilidade do acesso a um curso de Ensino superior é significativa de mudança de nível social, pois entende-se que só quem tinha acesso a ela são as pessoas de um nível social diferente da dos quilombolas, por conta do processo de sociabilidade e condições de vida diferenciados. É por isso que “ser universitário” gera sentimento de orgulho entre os parentes e entre eles mesmos. O ciclo de manutenção do *habitus* (Bourdieu, 1989) se quebra e se transforma em um projeto de vida conforme as novas condições apresentadas pelo acesso ao nível superior. Entendendo Projeto de Vida como

um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo etc.) em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências (GUIMARÃES, 1980, p. 95).

E que “possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no seu campo de possibilidades” (p.96) a ligação afetiva entre os estudantes e suas comunidades quilombolas não consegue, muitas vezes, competir com a possibilidade de desemprego, tendo em vista as condições apresentadas pela CQ.

Os planos, expectativas, sonhos e vontades forjadas pelos sujeitos com base na sua realidade (Guimarães, 1980) e cujo suas identidades individuais e coletivas influenciam nas tomadas de decisão sobre suas representações de futuro, podem ser distantes ou não. “[...] Tal projeto é um modelo sobre o qual o sujeito espera e quer ser e fazer, e que toma forma concreta em sua disposição e intenção de atingir, definindo sua relação com o mundo e consigo mesmo (*idem*, p. 92-93). Os planos e perspectivas de futuro dos estudantes quilombolas são construídas a partir das realidades vividas nas cidades, por causa do EM e nas Comunidades Quilombolas, onde mantem seus laços de parentesco.

A Universidade significa a transformação do cotidiano dos estudantes e de suas famílias num período equivalente as suas graduações, conforme aproximação da conclusão, poderá ser transformada de acordo com a realidade. Os desejos “mudança de vida”, “continuar lutando” ou “ser alguém na vida”, indicam a presença da classificação dos lugares de moradia como “bons” e “ruins”, onde as comunidades quilombolas não se apresentam como “boas” em termos de condições de vida, seja por falta de saúde, educação ou acesso facilitado aos meios de comunicação, como a Internet. Apenas quando os estudantes lembram da “vida de interior”, boas características são levadas em consideração, como “tranquilidade”, “intimidade entre os moradores” em “sem preocupações”. Ellen diz que provavelmente não voltará pra Umarizal, porque “é muito difícil arrumar emprego na [...] área, [que] é engenharia da computação, [...] [que] trabalha mais com empresas e é mais para fazer programa”. A prioridade em suas vidas é o mercado de trabalho dentro de suas áreas de especialidade, sendo centro das motivações de suas famílias, a partir também de uma análise da oferta e da demanda de cada profissão.

só eu vi o que a mamãe passou e não precisa nem de incentivo. Eu mesmo me incentivo, porque eu não quero aquela vida assim de estar... porque vida de vila, como a gente te falou aquela outra entrevista , é se tu ficar lá, o que tu vai pegar? Tu vai engravidar e tu vai ficar lá e ter uma vida normal. Uma vida medíocre e eu não quero isso pra mim. Sei lá é sem sentido só viver por viver, é estranho né? Eu sou igual minha mãe, mana, batalhadora. Se eu consigo correr eu corro, então... o que eu quero é correr atrás e conseguir. Em nome do senhor (Ellen).

As narrativas que nos remetem aos projetos de vida onde as experiências são ligadas à cidade, e são exclusivas da “cidade grande”, fazem com que os projetos de graduação sigam as expectativas daquele meio social. Se as experiências aconteceram nas comunidades quilombola, as graduações escolhidas serão ligadas de alguma forma com elas. Deidiane trabalhou durante o seu ensino médio numa loja de celulares, o que pode ter influenciado na sua decisão pelo curso de Engenharia da Computação por causa do contato com a “tecnologia”. Os conhecimentos tecnológicos sempre chamaram sua atenção, mesmo não tendo acesso a elas durante sua vivência na comunidade quilombola Nova Jutáí. Apenas recentemente os moradores começaram a usar a Internet e celulares, vistos como aparelhos/meios da tecnologia. Em certos momentos, ela diz que sempre se interessou pela área da tecnologia e em outros que nunca teve contato, o que não quer dizer que não possa despertar o interesse. As escolhas dos cursos são feitas de acordo com as experiências pessoais e familiares dos estudantes.

O acesso à Universidade, é tido também como uma progressão no processo de formação dos estudantes, que inicia-se com o ensino fundamental, Médio e termina com o Ensino Superior. Essa trajetória é quesito fundamental para inserção no mercado de trabalho e quanto mais tempo dedicado aos estudos, mais oportunidades de um “bom emprego” e com salários elevados ela terá a sua disposição. Apenas o Ensino Médio nos tempos atuais não atende às expectativas dos estudantes que cresceram em busca dos bons estudos, sendo preciso dar continuidade na busca por novos conhecimentos através de um curso de graduação ou de um curso técnico.

### **3.3. A Representação social da Universidade**

O universo acadêmico volta-se em grande medida para o espaço de sala de aula, onde, os professores e as professoras se preocupam apenas com os conteúdos que precisam ser transmitidos aos alunos e alunas, pois é assim que o corpo docente enxerga a Universidade, de acordo com as narrativas das/dos interlocutores da pesquisa. Nesse processo, existe pouco tempo para observação das diferenças entre o corpo discente. O corpo docente, em geral, não consegue ou não se interessa em saber quem são as e os alunos de onde vem. O importante é passar o que foi aprendido durante os anos de formação acadêmica, seja em Mestrados ou Doutorados. *Nós* estamos acostumados a perceber as/os professoras/es como

únicas/es possuidoras/es de saber na relação aluno/professor, por causa dos níveis mais altos de especialização. Como esse costume é de difícil dissolução por resistência da estrutura da Universidade, além da sua representação como meio de mobilidade social, essa característica “conteudista” também perpassa as narrativas dos estudantes quilombolas, sendo espaço que proporciona boas aulas, professores bons e carreira profissional.

os professores são ótimos, as aulas são boas. Eu gosto da universidade, tipo eu ainda não fui no núcleo, assim, para saber o que acontece aqui, tipo, eu só conheço tudo do meu curso, mas eu não conheço o que acontece aqui na universidade, mas o que eu esperava era isso. Era aulas, era trabalhos, era professores eficientes, que eu tenho ótimos professores bem formados. É isso (Ellen, 2017).

Em poucos momentos das trajetórias universitárias dos estudantes quilombolas os professores se interessaram em unir os conhecimentos prévios aos seus próprios conhecimentos nas relações em sala de aula. Apenas a Paula (Direito) e a Taiana (Saúde Coletiva) se referiam a essas situações como espaços de discussão sobre as suas comunidades quilombolas e o que elas já conheciam até aquele ponto. Taiana se sentiu instigada a se pronunciar quando o assunto discutido foi saneamento básico, usando como exemplo seu lugar de origem. Na comunidade Rio Acaraqui, o esgoto é a céu aberto e o lixo é todo direcionado pra o rio que abastece os moradores com água e alimento. Além dos riscos de contaminação da população e surgimentos de doenças como diarreias, os peixes que antes eram capturados nas beiras do rio, agora se afastam para o meio por causa dos rejeitos. Isso dificulta a pesca e afeta a alimentação das pessoas, contribuindo ainda mais com os processos fragilidade em questões de saúde. Já Paula lembrou de um caso onde a atividade avaliativa da disciplina ministrada por uma das professoras da Faculdade de História da Unifesspa que leciona no Direito, era sobre um relato de experiência dela e de sua colega indígena sobre suas respectivas comunidades tradicionais. Nos outros cursos, o aluno tem que “dançar conforme a música [...]” (trecho da conversa informal como uma Quilombola).

E ela pegou e colocou assim, não, passou um artigo avaliativo, valendo metade da nota. ‘Só que Paula e roto, eu quero um artigo de vocês da comunidade onde vocês moram, da vivência de vocês e como é chegar aqui na universidade.’ Então ela nos cobrou isso. A temática, de dizer de onde veio, o porquê que [...]. Mas no terceiro semestre que estou agora, ela foi a única que fez isso... pra querer saber. O professor só chega, conteúdo, conteúdo, conteúdo e nada. Eles só querem saber se você vai tirar a nota. Se você não conseguiu você vai pegar o seu insuficiente. Mas ai não olha ‘será que essa pessoa foi adaptada pra isso? Será que ela já teve algum contato?’ (Paula, 2017).

A partir da contribuição da estudante, podemos perceber a mesma compreensão apresentada pela professora Gláucia sobre a relação aluno/professor. Segundo ela, a lógica dos cursos de graduação na Universidade é produtivista, o que é levado em consideração é o quanto de conhecimento você é capaz de aprender e como o aluno consegue demonstrar esse novo saber. Entendemos também que esses conhecimentos, em sua maioria correspondem às concepções de mundo dos próprios professores e sobre o que eles acham que seja importante os alunos saberem ou não. Falar sobre o que *nós* conhecemos e gerar novos conhecimentos a partir disso é mais fácil do que gerar um conhecimento de viés único, onde apenas o saber etnocêntrico do professor é reconhecido.

Por esse motivo, as lideranças das comunidades quilombolas, mesmo não se fazendo presentes junto a Unifesspa, reivindicam do Estado o direito à educação quilombola, por onde perpassam o reconhecimento a história e das contribuições das pessoas negras e de seus agrupamentos pra história do Brasil e para a produção de conhecimento (SOARES, 2012). Aprender os conteúdos programáticos seguindo a lógica das vivências e das próprias regras do grupo contribuem para continuação do conhecimento e dos costumes, tendo como referência a ideia de que a própria Universidade é produto e reflexo de onde ela está inserida.

não, assim. Sim. Sim, porque eles tão tipo agora meio que reconhecendo os quilombolas que no caso, nós somos descendentes de escravos, então hoje em dia na universidade está sendo reconhecido todo o trabalho que eles tiveram antes. Estão tendo mais oportunidades de entrar pra uma Universidade, de ter sucesso, de ter uma vida diferente do que eles tiveram, que é de trabalhar de escravo nos outros. Então, sim, nessa parte eu me senti valorizada (Deidiane, )

A noção de valorização percebida nas narrativas das/dos estudantes quilombolas também se constitui um dos elementos presentes na ideia de quilombo estereotipada, onde os negros e negras em situação de escravidão foram transformados em coisas. O termo “escravo” ainda é visto como intrínseco aos indivíduos e às comunidades quilombolas, sendo que a existência do Pse é justificada e resumida nesse histórico de violência contra a população negra, especificamente ao período correspondente ao regime escravocrata brasileiro.

A entrada no Ensino Superior como projeto de mobilidade social através do processo de seleção, é uma das formas de reconhecimento e reparação dessa desigualdade, pois significa “[...] ter sucesso, [...] ter uma vida diferente do que eles tiveram, que é de trabalhar de escravo nos outros” (Ellen, 2016). Esse dado, pode justificar algumas narrativas das/dos

estudantes quilombolas onde a vida na comunidade quilombola é vista como “mediocre”<sup>22</sup>, pois está estreitamente ligada ao trabalho braçal. Durante as observações de campo, também ouvi várias vezes estudantes não-quilombolas me perguntarem sobre as comunidades quilombolas a partir de frases como: “é descendente de escravo?”, demonstrando como são profundas as marcas do escravismo brasileiro, refletidas na formação escolar baseada em padrões eurocêntricos que fazem parte da grande parte das escolas, sejam elas do “interior” ou da cidade.

Essa naturalização das/dos negras/os a coisas é reforçada principalmente pelos livros didáticos das escolas, onde o negro é representado quase sempre em posição de subalternidade em relação ao branco, fazendo com o que continue presente no conhecimento comum a imagem depreciativa dos negros e negras africanas ligadas ao trabalho braçal e aos castigos físico (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003). A Universidade, de acordo com os quilombolas, reconhece as diferenças nas trajetórias escolares entre uma pessoa que teve um ensino regular e uma que não teve através da realização do PSE pra o grupo deles e porque pra eles a existência do PSE em si, já é uma forma de valorização, pois está-se levando em consideração as séries de dificuldades que tanto indígenas<sup>23</sup> quanto quilombolas enfrentes durante os seus processos de socialização. Ellen e Deidiane, Paula falam sobre as suas descendências de escravos. Isso explica a concorrência alta nos cursos de alto prestígio social como Direito e as Engenharias. O primeiro pensamento dos estudantes é sobre o projeto de formação, em quais carreiras seguirão. Grande parte desses estudantes estudou o ensino médio fora da comunidade, em casas de parentes em cidade próximas as suas comunidades.

Existe uma diferença nas narrativas dos quilombolas entre as estudantes que ingressaram em 2014, se compararmos com as narrativas pra as pessoas que entraram agora, principalmente, na do menino da palestra que a Paula estava. Enquanto esse tem um discurso próximo da dos indígenas, que ele não queria estar na Universidade e que a comunidade quilombola é muito boa, porque proporciona lazer e que é preferível ele estar pescando o que ele precisava, na comunidade dele tinha. Se ele queria um peixe, tinha no rio. Ellen e

---

<sup>22</sup> Na primeira entrevista como Ellen, Deidiane e a estudante quilombola de Saúde Coletiva que morava com as duas, esta usou esse termo para relatar o estilo de vida da comunidade Nova Jutáí, onde morava antes de vir para Marabá. As outras participantes concordaram e na entrevista seguinte, Ellen, de Umarizal, voltou a usar o termo.

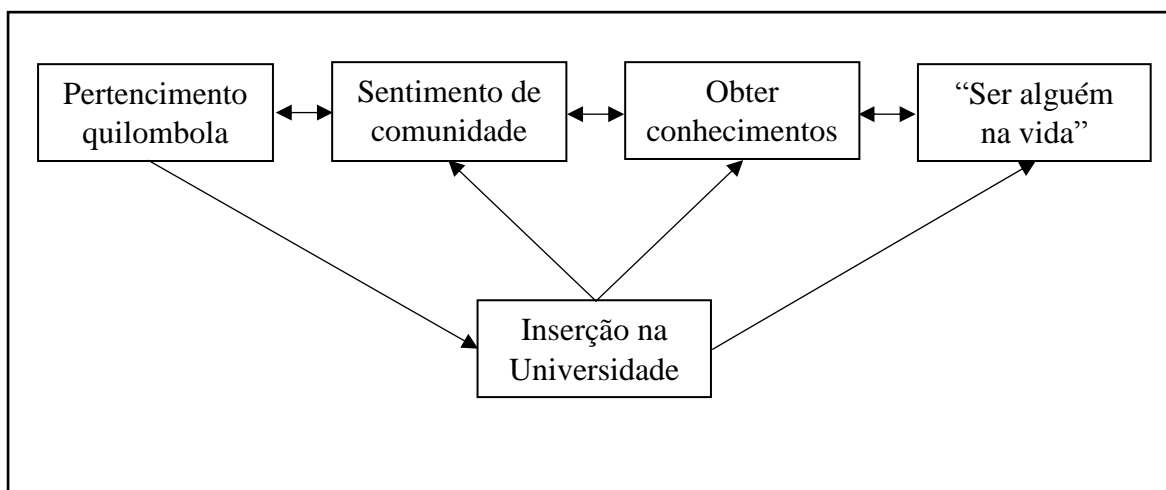
<sup>23</sup> O uso do termo “indígenas” e não “etnias indígenas”, não foi usada com objetivo generalizante dos povos indígenas, mas escrito conforme as narrativas dos estudantes quilombolas, que não diferenciam determinada etnia indígena como possuidora de experiências mais próximas, mas sim que “os indígenas” passam por experiências próximas das “deles”.

Deidiane, ingressantes de 2015, não apresentam essa perspectiva. Pra elas, a Universidade era a única escolha possível para ascensão social/ou de prestígio. Não veem as comunidades quilombolas como lugares que podem proporcionar algum tipo de lazer. O trabalho no campo, bem como as atividades destinadas às mulheres são vistas negativamente. Continuar vivendo nas comunidades quilombolas sem um projeto de curso de graduação significa caçar, pescar e ser mãe. Assim, as condições do presente, de acordo com algumas dessas narrativas, não correspondem as suas projeções de vida, principalmente entre os quilombolas mais jovens. Suas avós, avôs, mães e pais podem estar inseridos e habituados ao cotidiano das comunidades quilombolas ligados ao trabalho com a agricultura, pesca e pecuária. Entretanto, eles não veem com positividade a possibilidade de seus filhos e filhas seguirem esse caminho, colocando nos “estudos” todos os esforços possíveis.

Com relação aos as perspectivas de projetos de início e fim das graduações escolhidas pelos estudantes quilombolas, pude identificar duas visões de Universidade distintas, mas não antagônicas: uma culturalista (ou multiculturalista), baseada na ideia de uma universidade multicultural, que procura valorizar a diversidade étnico-racial, bem como todas as identidades pessoais presentes no ambiente universitário, e a Universidade como simples continuação da trajetória escolar dos estudantes, onde a conclusão do nível superior será capaz de aumentar a capacidade de consumo pessoal e familiar, facilitar na busca por empregos bem remunerados, a ascensão social e melhoria das condições de vida. A cooperação comunitária, comum em todas as narrativas, trata-se do “retorno” pretendido pelos quilombolas com relação às suas comunidades e famílias, que não envolvem apenas questões como empregabilidade. Esse é um dos pontos fundamentais da pesquisa, porque a cooperação comunitária é direcionadora das escolhas de cada curso de graduação, trajetória Universitária e projetos de vida, ao mesmo tempo em que podem fazer parte do mesmo grupo.



**Ilustração 03:** Relação entre os estudantes quilombolas, suas comunidades e projetos de vida



Fonte: Elaboração feita pelo autor.

Conforme a Figura 03, podemos perceber que um estudante pode, simultaneamente, representar a Universidade como uma possibilidade de mobilidade social, caracterizada por elas/eles por frases como “Ser alguém na vida” e cooperar com suas comunidades quilombolas da maneira que melhor lhe couber, de acordo com a graduação escolhida. A cooperação comunitária, também envolve o que alguns estudantes caracterizam como “desenvolvimento” dos moradores através do repasse de informações pertinentes as suas vidas e que o acesso à Universidade fez que essa informação fosse resgatada e da própria infraestrutura, como a construção de prédios e projetos na melhoria da saúde e educação. Para Vinicius, estudante de Eng. Civil,

foi o meu sonho e eu tenho tio que mora perto lá de casa [na comunidade quilombola] e ele sempre foi pedreiro. Ai depois que eu cresci mais, eu sempre fui ajudar ele e sempre foi o que eu quis fazer era trabalhar na parte de construção. Tem também pelo desenvolvimento lá da comunidade, tem muitas obras lá e eu tenho vontade de quando eu me formar eu voltar para poder melhorar a estrutura da minha comunidade com segurança e também é um curso que é bem remunerado. Também na questão de mudar a perspectiva da comunidade que sempre foi a de não poder entrar na Universidade. Eles já cresciam numa cena de ter que ir pra roça trabalhar, ai como eu entrei agora na Universidade, muda a perspectiva dos jovens de lá, que como eu entrei, eles podem entrar e fazer um curso que é... concorrido a engenharia civil (2016).

Os estudantes relacionam “obter conhecimentos”, sentimento comunitário e inserção na Universidade, na medida em que planejam que as “coisas novas” (Lorran, 2017)

aprendidas durante a trajetória universitária de alguma forma chegue aos moradores das comunidades quilombolas e suas famílias. Na opinião do mesmo estudante, suas visões de mundo são transformadas depois que começou a graduação em História, porque além de “estudo” ele vê coisas diferentes daquilo que estava habituado em Umarizal. A diferença é que na “comunidade, eles são muito, assim, machistas [...] são muito preconceituosos, tem aquela coisa da sexualidade e é uma coisa muito horrível. Aqui não [Universidade], é um lugar bastante aberto que tu pode viver que ninguém te criticar de nada” (Lorran).

Isso não quer dizer que o preconceito e o machismo não existem na Universidade, bem como todas os moradores das comunidades quilombolas são machistas, pois não tenho dados para afirmar isso. Mas uma perspectiva parecida foi apresentada por Taiana, em 2017, quando também perguntei sobre o papel da Unifesspa na sua vida. Sua resposta girou em torno do “emponderamento”<sup>24</sup> proporcionado pelas “influências das pessoas da Universidade”, que mesmo durante as fricções, não estar emponderada significa não se manifestar com relação às piadas contra os estudantes quilombolas, onde

“no início, [...] eu vi que ficar naquele meio termo ‘ah, não vou falar nada, não vou fazer isso porque eu acho que é...’ ‘o que *eles* vão pensar de mim?’ ‘o que vão falar de mim?’. Ai vem falar também de relação as cotas, eu já fico mais... já vou e debato também. Por ser mulher e ser negra, já fico... já debato também essas coisas. Eu já não fico calada como antes e também pretendo fazer outras coisas em relação a isso.”

As “outras coisas em relação a isso”, seriam próximos dos projetos apresentados por Lorran com relação a Umarizal. Taiana, deseja, ao longo da sua trajetória universitária, “levar” para comunidade Rio de Acaraqui discussões

sobre o feminismo [...]. Porque, querendo ou não, as pessoas que, que... eu quando eu tava fora da universidade, eu não tinha essa percepção de coisas que eu tenho hoje sobre negritude e sobre o feminismo. Ai eu pretendo levar isso”.

Neste sentido, as representações apresentadas pelos estudantes acompanham os objetivos das Ações Afirmativas de ingresso no Ensino Superior público, que são pois os projetos de vida dos quilombolas são construídos em torno das suas comunidades, mesmo que a prioridade seja entrar no mercado de trabalho. A mudança para a cidade para conclusão da graduação aproxima-os de melhores condições de saúde e consumo de bens, que são

---

<sup>24</sup> Para a estudante, ser emponderada “é tipo eu, alguém falar pra mim ‘ah, tu é uma negra, uma morena bonitinha... não sei o que’ e eu ‘não, eu sou negra e eu sou linda, querido’.

condições fundamentais para a dignidade humana. O PSE, assim como outras modalidades de Ação Afirmativa, proporcionou essa entrada na medida em que tornou próxima da igualdade de disputa por um emprego. De qualquer forma, essa vaga é transformadora do ambiente familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, as/os protagonistas desta pesquisa não estudam com uma proximidade tão grande das suas comunidades quilombolas, mudando-se para casa de parentes ou amigos das suas famílias nas cidades tendo “os estudos” como meta principal. A continuação da trajetória de formação escolar, é um dos principais motivos para a saída dos quilombolas jovens para as cidades, seja para iniciar o Ensino Médio, seja para início de uma graduação universitária. O prestígio social dado às Universidades, algumas mais outras menos, faz com que parte dos quilombolas se inscrevam o vestibular na Federal do Pará. Somente depois da reprovação, é que eles relatam se inscrever no Pse da Unifesspa, com a razão de que a quantidade de pessoas inscritas são menores e terão mais chances de aprovação. Outro fator que também motiva os estudantes é ideia do manejo com a terra é visto como “pesado” e desagradável, logo, seus projetos de vida e de seus familiares transforma-se e adequam-se a realidade de cada tempo e de cada geração. A “oportunidade dada pelo Pse” significa um futuro diferente daquele vivido pelos seus ancestrais próximos, condicionados pelos fatores sociais e culturais ao trabalho com a terra.

As semelhanças percebidas durante as observações entre os estudantes Quilombolas e a minha própria trajetória de vida e universitária são muito mais complexas do que a simples condição de estudante de uma universidade. Tornar familiar o exótico fez com o que a própria representação elaborada por mim de Universidade fosse problematizada e por mais que a proposta deste trabalho não seja um estudo de caso de um estudante não-quilombola, negro, pobre e de escola pública, posso dizer que as diferenças entre “Eu” e “eles” é quase uma questão gramatical.

As minhas próprias concepções de vida e de Universidade foram completamente transformadas durante a realização desta pesquisa. Principalmente, sobre as representações e as práticas sociais criadas a partir disso. As noções de pertença étnica dos estudantes universitários não são dissociáveis das suas comunidades Quilombolas e de suas famílias, mesmo que seus projetos de vida não correspondam ao retorno para junto deles, por conta de questões como empregabilidade e condições de vida. Isso não quer dizer, que mesmo com a mudança, talvez, definitiva de cidade de residência, sua identidade individual seja alterada, pois continuarão em constante fricção inter-étnica, fortalecendo as fronteiras que delimitam cada grupo.

As aspirações de mobilidade social através do Nível Superior, superam a hipótese de simples acumulação de capital financeiro, pois a nova condição social está diretamente ligada com as transformações no estilo de vida dos estudantes e de suas famílias, capazes de aumentar as possibilidades de lazer e acesso a bens simbólicos, que envolvem o cotidiano da comunidade Quilombola como um todo. Os estudantes Quilombolas, antes de se inscreverem nos PSE's, se preparam junto aos moradores, parentes ou amigos, podendo ser em forma de grupo de estudos, reunião com os líderes da comunidade ou pesquisa na internet para o PSE, fortalecendo o vínculo entre os sujeitos. Desta forma, através, principalmente das experiências ou exemplos dos parentes que foram aprovados em edições anteriores, é possível delinear uma experiência coletiva-sobre como preparar sua performance durante as etapas do PSE.

As preparações anteriores ao ingresso se refletem no fato de que a maioria dos estudantes já sabem como quem irão residir na nova cidade, encolhendo prioritariamente algum parente ou amigo aprovado em outras edições. Desta forma, os estudantes formam pequenos grupos de convivência na Universidade com esses amigos ou parentes, transformando o cenário, que historicamente é ocupado pelos grupos majoritários. Nesse sentido, as Ações Afirmativas são construídas enquanto importantes mecanismos de transformação da realidade dos grupos etnicamente minoritários dentro das Universidades, contribuindo, assim, para a transformação das estruturas sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BAIA, P. de M., **entrevista**. [setembro, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

BAIA, P. de M.; BARROS, E, **gravação de áudio autorizado**. Receptor: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POURTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BELTRÃO, Jane Felipe; CUNHA, Mainá Jailson Sampaio. Resposta à diversidade: políticas afirmativas para povos tradicionais, a experiência da Universidade Federal do Pará. In: **Revista brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011.

BIGOSSI, F. **Trajetórias universitárias**: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre - RS. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 ago, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)> Acesso em: 30 set. 2015.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei nº 12.824, de 5 de junho de 2013. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, por desmembramento da Universidade Federal do Pará - UFPA, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 de junho de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12824.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12824.htm)> Acesso em: 30/06/2017

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do Antropólogo**: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Identidade**: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2011.

DUTRA, C. A. **O poder Simbólico das representações sociais:** territorialidades conflitivas nas relações homem e natureza no distrito de Lavras – MG. Dissertação de Mestrado. Viçosa, UFV-MG, 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** – 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMES, F. dos S. **Mocambos e Quilombos:** uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio. **In: Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 28 de setembro de 2017.

LIMA, D. C., **entrevista.** [março, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné, Melanésia.** Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MENEZES, L. G. C. de, **entrevista.** [agosto, 2017]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

MOEHLECKE, S. **Ação Afirmativa:** história e debates no brasil. Cadernos de Pesquisa, n. 117, npo. 1ve9m7-b2r1o7/,2 n0o0v2embro/ 2002

ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate:** uma revisão da literatura. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

SENA, T. T., **entrevista.** [abril, 2016 e março, 2017]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

SILVA, A.; LUIZ, C.; JACCOUD, L.; SILVA, W. Entre o Racismo e a desigualdade: da constituição à promoção de uma política de igualdade racial (1988-2008). **In: A construção de uma política de promoção da igualdade racial:** uma análise dos últimos 20 anos. Lucina Jaccoud (org.) – Brasília, DF: Ipea, 2009.

SILVA, V. G. da. **O antropólogo e sua magia:** trabalho de campo e texto Etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras. – 1ª ed., 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SILVÉRIO, V. R. Ação Afirmativa: uma política pública que faz diferença. **In: O negro na universidade:** o direito a inclusão/ Jairo Pacheco, Maria Nilsa da Silva (orgs.) – Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação escolar quilombola:** quando a diferença é indiferente. Tese de doutoramento/Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SOUSA, L. P.; PORTES, E. A. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. **In: Revista brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011.

SOUSA; SEVERO. **PESQUISA DIAGNÓSTICO**: Programa de Acolhimento Estudantil & Diversidade Indígenas e quilombolas na Unifesspa. Marabá, PA, 2017. Disponível em <[https://proex.unifesspa.edu.br/images/conteudo/proex/Editais/PESQUISA\\_DIAGNOSTICO\\_Acolhimento\\_Estudantil\\_e\\_Diversidade\\_2016.pdf](https://proex.unifesspa.edu.br/images/conteudo/proex/Editais/PESQUISA_DIAGNOSTICO_Acolhimento_Estudantil_e_Diversidade_2016.pdf)> último acesso em 12/09/2017.

SOUZA, E. C. do R. de, **entrevista**. [março, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.

TEIXEIRA, V. R., **entrevista**. [abril, 2016]. Entrevistador: Marcos Antonio Silva dos Santos, Marabá, Pará.



## ANEXO

## QUADRO DE OFERTA DE VAGAS NO PSE DA UNIFESSPA DE 2014

QUADRO 1 – Oferta de Vagas para Educação do Campo

Unidade	COD CURSO	CURSO	Regime Oferta	Período Letivo Turno	VAGAS
MARABÁ	001	Educação No Campo - Licenciatura	Intensivo	1º Período / Integral	120
<b>TOTAL DE VAGAS</b>					<b>120</b>

QUADRO 2 – Oferta de Vagas por acréscimo para Indígenas e Quilombolas

Unidade	Nº ORDEM	CURSO	Regime Oferta	Turmo	Início Período 1/2	Início Período 3/4	Vagas Indígenas	Vagas Quilombolas
Marabá / IEDAR	002	Agronomia	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / ICH	003	Ciências Sociais - Licenciatura	Extensivo	Vespertino	X		2	2
Marabá / IEDS	004	Direito	Extensivo	Integral	X		2	2
Marabá / IGE	005	Engenharia de Materiais	Extensivo	Integral	X		2	2
Marabá / IGE	006	Engenharia de Minas e Meio Ambiente	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / ICE	007	Física- Licenciatura	Extensivo	Nocturno	X		2	2
Marabá / ICH	008	Geografia - Licenciatura	Extensivo	Matutino		X	2	2
Marabá / IGE	009	Geologia	Extensivo	Integral	X		2	2
Marabá / ILLA	010	Letras - Língua Portuguesa - Licenciatura	Intensivo	Integral		X	2	2
Marabá / ICE	011	Matemática - Licenciatura	Extensivo	Vespertino	X		2	2
Marabá / ICH	012	Pedagogia - Licenciatura	Intensivo	Integral	X		2	2
Marabá / ICE	013	Química - Licenciatura	Extensivo	Nocturno	X		2	2
Marabá / IGE	014	Sistemas de Informação	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IGE	015	Engenharia Civil	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IGE	016	Engenharia Elétrica	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IGE	017	Engenharia Mecânica	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IGE	018	Engenharia da Computação	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IGE	019	Engenharia Química	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / ICH	020	História - Licenciatura	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IESB	021	Ciências Biológicas - Bacharelado	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IESB	022	Saúde Coletiva	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IESB	023	Psicologia	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / IEDR	024	Ciências Econômicas	Extensivo	Integral		X	2	2
Marabá / ILLA	025	Artes Visuais - Licenciatura	Extensivo	Integral		X	2	2
Xinguara / IETU	026	História - Licenciatura	Extensivo	Integral		X	2	2
Rondon do Pará / ICSA	027	Administração	Extensivo	Integral		X	2	2
Rondon do Pará / ICSA	028	Ciências Contábeis	Extensivo	Integral		X	2	2
Santana do Araguaia / IEA	029	Matemática - Licenciatura	Extensivo	Integral		X	2	2
São Felix do Xingu / IEX	030	Letras - Língua Portuguesa - Licenciatura	Extensivo	Integral		X	2	2
<b>TOTAL DE VAGAS</b>							<b>58</b>	<b>58</b>